

A PEDIDO, BIS

Um dos capítulos do meu livro anterior, “Música Popular Brasileira – Histórias de sua gente”, que mais agradou aos leitores foi o que intitulei “Esses Destoaram”, onde comentava os tropeços dados pelos letristas do nosso cancionário. Fiz uma abordagem bem-humorada, sem ferir susceptibilidades, citando inclusive escorregadelas de literatos famosos. Estavam os nossos compositores, portanto em boa companhia.

Já que foi apreciado, garimpei mais algumas “jóias”. Para mostrar que a desinformação, o despreparo e a incompatibilidade com o vernáculo não são patente das pessoas advindas das camadas mais modestas da população, da qual faz parte a maioria dos nossos compositores, reproduzo as mancadadas que Marcus Pereira recolheu entre as respostas de um exame da Escola de Propaganda de São Paulo.

Um candidato definiu o avião Caravelle: “fantasma célebre que diz-se ter existido na França, num dos seus castelos”. Guilherme Figueiredo era segundo outro, gramático e autor de livros infantis. Mark Twain “é um notável cronista que escreve na Manchete”. Angelo Roncalli, papa João XXIII, foi “um piloto italiano que fez um “raid” num pequeno avião pelo mundo”. Suriname (Guiana Holandesa) “é um método de propaganda por percepção indireta,” para um dos geniozinhos e para outro uma “ex-rainha”. Gabriela, Cravo e Canela “as três naus de Colombo.” Nepotismo “é um regime soviético.” Tzar nome de bebida e monocultura criação de macacos. Brilhantes são as gafes cometidas pelos advogados que se candidataram a juiz em Pernambuco no final de 87. Vejam que cultura. Um escreveu “a de se esclarecer” em lugar de “há de se”, outro ruminou “deverão serem”, criaram o verbo “oriundar”, escreveu-se “sobre tudo” e “de-le” assim separados. E chega!

A licença poética é algumas vezes usada com muita permissividade, resultando em imagens insólitas. Jorge Faraj ótimo letrista, colocou numa valsa a expressão “olhos aurorais”, o que resultou num comentário irônico de Alberto Ribeiro, quando lhe pediu opinião: “Olhos cor de aurora são olhos vermelhos e se estão vermelhos é porque ela pegou uma tremenda conjuntivite. O caso não é valsa, é de colírio.”

Orestes Barbosa, outro ótimo poeta criou metáfora indigente chamando o violão de “cofre da mágoa maviosa, onde eu guardo a chorar meu coração”. Em “Neusa”, Antônio Caldas e Celso Figueiredo chamaram a aurora de “sutil”. “Sorris da minha dor” de Paulo Medeiros até que começa bem:

*Tranqüilos e felizes sonharemos
Uma porção de sonhos venturosos
E aos beijos de eterna felicidade*

O fecho porém estraga tudo com sua dubiedade:

Há de ser nossa vida um ROSAL DE ANSIEDADE.

Eis como Constantino Silva cantou seu coração choramingas:

*E quando me despedi
Mangueira em peso chorou
Juro que senti
Meu coração LACRIMOU.*

Penúria criativa foi a de Ary Barroso na marcha “Pica-pau”:

*Olha o pica-pau
Picando o pau lá no jardim
O meu coração é um pica-pau
E não se cansa de bater e de sofrer.*

Comparar coração com pica-pau é forçar demais a barra. Por falar em comparação, Arthur Montenegro compara a mulher a uma rolinha, deusa e estrelas. Até aí tudo bem, mas rolinha PÁLIDA é de enrubescer:

*Desperta, oh bela
Oh divina estrela
Vem fazer-me feliz
Vem jurar ser minha
Oh PÁLIDA rolinha*

Sem dúvida aterrador é o “Olhar de Vagalume” de Telles e Juliana:

*Teu OLHAR DE VAGALUME
Ilumina essa paixão*

*Eu me acabo de ciúme
Me alvoroça o coração*

Bem eu sempre pensei que a luzinha do vagalume ficava em outro lugar... E voz com fragrância? Garanto que ainda não viram, ou melhor, sentiram. Pois Francisco Alves e Luiz Iglésias detectaram o fenômeno em “Veio D’água”:

*Vem de longe, de longe, do passado
Reavivar uma ilusão qualquer
Traz na voz UM PERFUME DE MULHER*

O samba “Edital” De Almir Guineto e Lucervi Ernesto tem uma profundidade que nem com batiscapo se chega lá:

*Apesar das peneiras tamparem o sol
Vou cantar dos escombros do arrebol
Apesar dos “Colombos de pedigrees”
Vou cantar
Nas carreiras do povo e ouvir bis
Apesar dos sanhaços da lucidez
Vou cantar
O que querem cantar vocês.*

Totonho também andou filosofando em “Fogueira de não se apagar”:

*Você é o trunfo do meu jogo
E eu a dama que te fez voltar
Ao cavaleiro na arena, no fogo!
Jogando lança pra me conquistar
Na lapidação nobre do capricho (?)
Você sublime diamante meu
Com as digitais do coração eu visto
Essa paixão num grande apogeu.*

Essa duas só com bula. “Nos Mares do Sul” do Duo Jubileu surge um maremoto inédito:

*A borboleta azul
Nos mares lá do sul
Bailava alegre*

*A festejar o nosso amor
O sol sempre a brilhar
E o mar a murmurar
BANHAVA O CÉU
Que estava cheio de esplendor.*

Laura Porpino na canção “A Força do amor” define-o de maneira mais estranha que já vi:

*O amor não tem parentes
Não tem irmão nem aderentes
Ele está N’afinidade
N’atração da espécie
E intelecto.*

Só rindo. Outro mimo: “Aceno de Adeus” de Poeta, L. Rocha e Jones Jr.:

*Os seus olhos feiticeiros
Enfeitiçam os meus
Na hora da despedida
Eu vi dos seus lindos lábios
UM ACENO de adeus.*

Que beizola, hem. No meu baú achei este quebra-cabeça batizado pelos autores, Ricardo Guinsbure e Ronaldo Periassu, de “Poesonscópico de mil novescentos e quarenta e quinze”:

*Seu rosto selvagem em chama
Rindo estrelas lambuzadas de verniz
Nas botas de mel e chocolate
Guardo as impressões digitais
Foi eletrocutado no sinal luminoso
Caleidoscópico de ciúme
O flash no mercúrio cromo
O rádio grita o nunca mais
O vestido é miniorganza*

Pior que os olhos de pirilampo são estes que Catulo canta:

*Os olhos teus são
Âmbulas de dor
São dois nectáreos
De amargores!*

É isso aí, o pessoal inventa demais e acaba descambando para o exagero. Roberto e Erasmo Carlos já entraram nessa. Em “O Portão” descrevem um hilário cachorro que “sorri latindo” e em “Os Seus Botões” cantam o *voyeurismo* de uma capa de chuva muito discreta que observa os amantes:

*Chovia lá fora
E a capa pendurada
Assistia tudo
Não dizia nada.*

Liberdade de criação foi o que fez Noel Rosa em “O Orvalho vem caindo”, Ary Barroso com “esse coqueiro dá côco” Jorge Ben com “chove chuva”. etc.

A palavra varonil exerce um fascínio muito grande nos compositores possivelmente pela rima fácil com Brasil:

*Fuzileiro naval
Alma heróica e varonil
O teu porte triunfal
Enche de orgulho o meu Brasil.*

Ia esquecendo o talentoso autor: Milton Amaral. Uma outra eu não resisto em reproduzir todinha pelo maravilhoso bestialógico que encerra e pela adulação também. “Getúlio Vargas” de Jaime Guilherme:

*Grande e filantrópica
É vossa consciência
Que a nação inteira
De vós espera.
Bendita alma, reflexo de prudência
Unificado ao título da ciência*

*Pois a verdade, vestida de quimera
Insigne do amor, gênio que tolera
O ódio, a traição
O amargor com clemência
Deixamos a ordem e o progresso
Em seus anos
A pátria excelsa
A agonia que entramos
Desfilamos a bonança
O esplendor e o florescer
Getúlio suscetível
Espírito varonil
A vós confiaremos
Os destinos do Brasil
Sendo todos por um
No cumprimento do dever.*

Mais um ufanista: “Café Brasileiro” de Alfredo Schutz e Juvenal Fernandes:

*Do sertão brasileiro
Abraça o globo
Num peito fraterno
Mostrando o valor do país
Ó café VARONIL.
Desfraldes o nosso pendão
Branco-verde-amarelo
O céu azul... Cruzeiro do Sul...
Café do Brasil.*

Outra vez Laura Porpino com o samba “Rio, Aquarela mais bela”:

*Rio de Janeiro
És aquarela dos encantos do Brasil
Entre as cidades és a mais bela
Deste recanto varonil
Com o metrô*

*Tua cidade reveste
De ordem e progresso
Para ter grande sucesso.*

Buguinho, Henrique Filho e Mário Torrão não ficaram atrás em matéria de mau-gosto:

*E a natureza lhe abraçou
Na Colônia, na Coroa imperial
E logo a República chegou
SEMPRE ENCONTRANDO O SEU PORTE
NATURAL .*

Mário Zan mudou a nacionalidade do Padre Anchieta, que virou paulista no dobrado “Brasil Gigante”:

*São Paulo, linda terra de Anchieta
E do Bandeirante destemido.*

Pereira Passos, por sua vez, andou ressuscitando gente ao compor um samba homenageando os fundadores da primeira Escola de Samba:

*A primeira Escola de Samba
Nasceu do Estácio de Sá
Eu digo isto e afirmo
E posso jurar
Porque existiam naquele tempo
Os professores do lugar
Mano Milton, Mano Rubem e Edgar
E outros que não quero lembrar.*

Bom, dos três professores citados, dois já tinham ido dessa para melhor quando a Escola foi criada. Só se deram um empurrãozinho lá de cima.

“Rainha da Flora”, de Cacique e Francisco do Carmo tem um trecho capaz de provocar profundas reflexões nos botânicos:

*Se eu pudesse declarava
No mesmo instante mostrava
Quem meu coração adora
Sua nobre cor morena
Comparo à açucena
Ou senão com a flor da aurora
Que de todo vegetal
Tem seu brilho natural
É uma flor que não descora.*

Exemplo de autodiagnóstico foi o feito por Laurentino Pereira e João Teixeira Ramos em “Trapo de Amor”.

*Adeus querida, que eu sempre amei
És felicidade que eu não encontrei
Hoje eu sou um trapo, estou jogado fora
E PERDI A MEMÓRIA por quem tanto amei.*

Elias Marujo, Luizinho e Tourinho apareceram no carnaval de 87 com “Chora, chora, chora” que é mesmo de se debulhar:

*Chora, chora, chora
Diz até que ama
Na realidade quer te ver na lama
No calor daquele beijo
Puramente desleal
Infeliz foi o desejo ANTIMATRIMONIAL
Ser a dona de um lar
Mas sem pudor e sem moral.*

“Mera Fantasia”, bolero mal-educado de Adilson Ramos e M. Mattos:

*O meu apartamento está vazio
À espera de você que me deixou
Tudo fora mera fantasia
De um amor que não PRONTIFICOU.*

E para encerrar com fanfarras a declaração enfática da cantora Lurdinha Maia numa boate carioca: “Terei o prazer de cantar agora um FOLCLORE de minha autoria.”

Os compositores citados neste artigo não devem se sentir melindrados, ele, reitero, só tem o escôpo de divertir. Não o escrevi impulsionado por nenhuma ranço elitista ou purista de linguagem. O nosso poeta popular é o mais criativo do mundo e a nossa música a mais rica. Portanto nada de ressentimentos. Agora, se for para citar algo de gosto duvidoso é preferível cultivar o “talento do silêncio” que Carlyle elogiava.

A AIDS (ACACHAPANTE INVASÃO DOMINADORA SONORA) TEM CURA?

A polêmica sobre a influência nociva ou não da cultura alienígena que tem impregnado a tupiniquim, é uma velha história. Existem acusadores moderado e xenófobos do colonialismo cultural, assim como defensores discretos e deslumbrados. Por sua grande penetração a Música Popular foi muito envolvida no processo. É um lugar comum dizer-se que a música não tem fronteiras. Concordo, afinal seu caminho é o éter, que não tem dono, mas faço um questionamento: a BOA música, essa sim, não deve ter barreiras, como não tem idade.

Obras bonitas e bagulhos surgiram tanto ontem como nascem hoje. Faço apenas uma ressalva: antigamente o acesso ao disco e à divulgação era muito mais difícil, o que condicionava uma melhor seleção dos artistas e das obras. Sem saudosismo, o espernear é contra a música indigente que nos é impingida pelas multinacionais, que chega aqui com a matriz pronta, sem impostos alfandegários, a preço mínimo, numa concorrência desleal ao que é criado aqui. Sérgio Ricardo fala desta infiltração: “Há um dado elementar: a facilidade com que os “tapes” vêm do exterior. As fábricas não investem absolutamente nada, não tem nenhuma despesa de produção, só tem mesmo que prensar o disco, fazer a capa e jogá-lo a um público condicionado de longo tempo com a música americana, estrangeira.” Mas será mesmo desleal esse envolvimento? Ouçamos a opinião de um homem com 50 anos de música popular nas costas, com sucessos como: Pastorinhas, Carinhoso, Copacabana: Braguinha. “Desleal? Vamos dizer uma coisa: ao ser assim o livro estrangeiro faz uma grande concorrência ao livro nacional, o perfume estrangeiro ao perfume nacional.” O grande compositor, aliás ex-diretor artístico de gravadora, esquece o seguinte: no caso do disco os nossos músicos, técnicos, o cantor, o produtor não vêm a cor do dinheiro, enquanto no livro traduzido ganha o editor brasileiro, o tradutor, a gráfica, o gráfico, o fabricante de papel.

Além de tudo a coisa é díspare, pois são editados muito mais *best-sellers* estrangeiros do que livros nacionais. Para ele os dirigentes de gravadoras multinacionais são: “comerciantes que fazem publicidade e propaganda de seu produtos, como os que vendem tecidos.” Comparar arte com tecido é um pouco forte. Quando um patrimônio do nosso cancionero pensa assim, já se vê que a coisa é complicada. O pior é a cumplicidade dos comunicadores, principalmente os de rádio e discotecários inescrupulosos, aliciados pela famosa propina chamada “jabaculê”. É uma forma de entreguismo como outra qualquer.

Vanzolini também se manifesta sobre o assunto: “Eu pessoalmente não vejo na música estrangeira nenhum inconveniente para a cultura nacional. O mal que vejo é a

pressão de propaganda e a manipulação comercial, que afastam deslealmente, nossa música da camada ainda impressionável do público consumidor. E principalmente porque essa pressão é feita não em favor da boa música, mas sim para empurrar algum do pior lixo que flutua pelos mares internacionais.”

Muitas vezes não existe pressão, nós mesmos é que nos atiramos nos braços dos gringos. Hoje em dia é comum o artista ir gravar no exterior, argumentando melhores recursos técnicos, sacrificando com essa postura principalmente os músicos nacionais já com campo de trabalho restrito. É ingenuidade achar que podemos enfrentar a máquina dos grandes grupos externos e fazê-la enguiçar. Seria quixotesco e pouco inteligente, pois ela de vez em quando fabrica algo saudável.

Mas o que prevalece, infelizmente, é a música consumo definida assim por Umberto Eco: “é modelo típico onde a fórmula procede a forma, à invenção, à própria decisão do autor. O êxito é obtido unicamente imitando os parâmetros, e uma das características do produto de consumo é que diverte, não revelando algo novo, senão repetindo-nos o que já sabíamos o que já esperávamos ansiosamente ouvir repetir o que nos diverte. “É verdade que temos que defender as raízes, com denôdo, mas sem porralouquice, pois o excesso de defensivo pode também matar a planta. Nós sempre importamos ritmos sem que isso tenha maculado a brasilidade do artista de valor.

Os incompetentes é que se deixam dominar. Pobres de espírito como Simonal, capaz de declarar essa sandice: “Eu tenho raízes jazzísticas e até americanizo as músicas. Isso não é vigarice. Feio é cantar música tradicional com caixa de fósforo em mesa de bar.”

Vejamos exemplos de gente brilhante que compôs músicas de outras plagas sem que isso a diminuísse em nada: Noel Rosa fez fox-trotes e rumba, Pixinguinha schottisch, fox e tango em espanhol; Custódio Mesquita fox-canção, fox-blue, boleros; Lamartine charleston e foxes, Chico Buarque valsa, tango e bolero, Orestes Barbosa e Gillberto Gil rumbas; Capitão Furtado, expoente da música caipira criou boleros e foxes. Aliás a música feita pelos compositores rurais sempre foi recheada de polca paraguaia, guarânia, habanera, bolero. David Nasser compôs bolero e valsa-bolero (?); Capiba “frevista” também fez fox-trotes; o grande sambista Wilson Batista foi um alquimista, fabricando boleros, chá-chá-chás, foxes, calpsos, rock-baladas; Eduardo Souto ganhou concurso de tango na Argentina! A pioneira Chiquinha Gonzaga abafava com seus schottisch, habaneras e mazurcas. A música regional baiana, maior sucesso no momento é reconhecidamente uma mistura de vários ritmos como reggae, calipso e rumba. Outro filão das gravadoras, o rock nacional, tem pelo menos o mérito de ser fabricado e consumido aqui mesmo, apesar de na maioria das vezes causar engulhos. Vejam só o paradoxo: enquanto Caetano Veloso espantava e irritava ao colocar guitarras elétricas acompanhando “Alegria, Alegria”, Edu Lobo, Gil e Elis em 1967 participaram de uma passeata contra as mesmas guitarras, simbolizando um

protesto contra a invasão da música estrangeira e defesa das raízes da MPB. Uma fase da invasão que durou mais ou menos duas décadas, de 40 a 60, foi a dos boleros. Os maiores astros latino-americanos aterrissavam aqui até 1946 atraídos pelos Cassinos e depois continuaram vindo na esteira do gosto popular. Desfilaram Ortiz Tirado, Pedro Vargas, Libertad Lamarque, Elvira Rios, Tito Guizar, Hugo del Carril, Trio Los Panchos, Fernando Albuérne, Augustin Lara, Gregório Barrios, Lucho Gatica, Bienvenido Granda. Não sejamos rigorosos com eles, eram todos artistas classe A e não chegaram a provocar maiores reações nos chauvinistas. Depois quem é que passou dos quarenta nunca se surpreendeu cantarolando: “solamente una vez, amé en la vida...”

Os americanos do norte, esses sim, é que penetraram insidiosamente, adoçando nossa boca durante a Segunda Guerra Mundial com a tal “política da boa vizinhança” de Roosevelt, e apertando o cerco depois do término desta. Antes disso, com o advento da voz no cinema os basbaques nativos já começavam a papaguear em inglês. Os compositores mais inteligentes estavam de olho no fenômeno e se manifestaram. Noel Rosa, de maneira genial detectou e expressou no “Não Tem Tradução”.

*O cinema falado
É o grande culpado
Da transformação
Dessa gente que pensa.
Que um barracão
Prende mais que um xadrez
Lá no morro
Se eu fizer uma falseta
A Risoleta
Desiste logo do inglês e do francês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou
Mais tarde o malandro deixou de sambar
Dando pinote
Na gafieira dançando o fox-trote.*

Noel não perde a chance de alfinetar as orquestras que se apresentavam nas gafieiras com o pomposo nome de “jazz-bands”.

*Essa gente hoje em dia
Que tem a mania
Da exibição*

*Não se lembra que o samba
Não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com a voz macia
É brasileiro, já passou de português.
Amor lá no morro, é amor pra chuchu
As rimas dos sambas não são “I love you”
E esse negócio de “Alô, Alô boy, Alô Jone”
Só pode ser conversa de telefone.*

Anos depois Laurindo de Almeida compõe um samba com nome estranho, “Mulato Anti-metropolitano”, um conservador:

*Sei de um mulato que não gosta da cidade
Diz que isto aqui por baixo não é para ele não
Prefere o morro, dispensa o cinema
E neris de fox-trot, é do samba-canção.*

Assis Valente sabia ser trágico ou ferino. Em “Good-bye” gravado com sucesso por Carmem Miranda em 1933 é satírico:

*Good-bye, good-bye boy
Deixa a mania do inglês
É feio pra você moreno frajola
Que nunca freqüentou as aulas da escola.
Não é mais boa-noite, nem bom dia
Só se fala good-morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa luz da light.*

Jurandir Santos em “Alô Jone”, do mesmo ano reforça a denúncia:

*Alô Jone,ambeque pra folia
Se não reve mone
Não faz mal
Alô, Alô Joneambeque pra orgia
Inde Brasil
Reve muito chope, op, op.
American if drinque*

*Não estope, op,op.
No Carnaval no bode chilipe
American cambaleia
Come chipe.*

Arnaud Rodrigues lamenta o esnobismo da nega mas acaba fraquejando:

*Nega besta
Pões a boca torta e diz que fala inglês
Diz que foi criada nos states
Deformou meu português
Ela deita e antes de dormir
Tem que tomar um “tea”
Quando é de manhã tá tudo feito
Vou na cama com biscoito
E ela faz seu “breakfast”
Ainda pede que eu arranje “coca-cuela”
Ice cream e mortadela
E um tal de coffee com milk
Vê se dá pé, já tô na bronca
Ela diz que é artista
Toda americanista
Qualquer coisa iê, iê, iê
Nega corrupta, nega subversiva
Mas teu amor martiriza
E vou ter que aprender inglês.*

Lamartine num “non-sense” espirituoso dá a sua estocada. Eis um trecho de “Canção... Para Inglês Ver”:

*I love you
Forget sclaine
Maine Itapiru
Moorguett five underwood
I schell
No bond Silva Manuel
Manuel... Manuel...
I love you
To have steven via-Catumbi
Independence lá do Paraguai*

Studbaker... Jaceguai
Iés my glass
Salada de alface
Fly Tox my till
Standard oil
Forget not me
Of!
I love yoou
Abacaxi... whisky
Off chuchu
Malacacheta; Independece day
No street-flesch me estrepei
Elixir de inhame
Reclame de andaime
Mon Paris je t'aime
Sorvete de creme
My girl good night...
Double fight
Isto parece uma canção do Oeste
Coisas horríveis lá do Far West
Do "Thomas Meiga"
Com manteiga!...

“Asfalto Falsificado” mostra um Cyro Aguiar confuso:

Cansei de tanta coisa importada
Cansei de tanto som envenenado
Cansei, e eu que nem sei falar inglês
Venho pensando há mais de um mês
Pra onde vai meu português.

Segundo Titto Santos em “Cadê o Verde” o modismo já chegou bem mais longe do que imaginávamos:

Caboclo agora é mister e só veste blue
E faz declarações de amor
Dizendo I love you.

Chico da Silva e Venâncio em “Tudo Mudou” protestam com uma linguagem empolada:

*É o Brasil o país que tem dialeto
O “OKAI” não é nosso, não é concreto
A corruptela de estar ficaria mais certo.*

Marku Ribas está profundamente irritado em “Nunca Vi”:

*Nunca vi país tão difícil
Pra falar o português, português, português.
Ora pois, oh my brother, I am sorry, I love you
Ninguém se arrisca a vender umbu
Porque cheese-burger agrada mais o freguês.*

Lamentável mesmo foi a mania de cantores brasileiros remendarem os americanos (e mal ainda por cima). Alguns se diluíram como Morris Albert, Malcom Forrest e Julian, outros se agarraram à música caipira como tábuas de salvação: Chrystian e Terry Winter.

Outro tema explosivo, com opiniões pró e contra, é o das versões. Os defensores argumentam: antes elas que o original; os detratores: nem elas nem os originais. Os versionistas podem ser classificados em dois grupos: os tradutores e os adaptadores. Fred Jorge, um dos mais destacados depõe: “Eu aproveitava as melodias e adaptava e modificava e tanto a letra original que me considero parceiro. Eu praticamente fazia novas letras.” Fez 594 versões, entre elas “Diana”, “Banho de Lua” e “Estúpido Cupido”. Rossini Pinto, cantor e compositor com vários sucessos de Roberto Carlos verteu os Beatles: “Yesterday”, “Michelle”. Chico Buarque adaptou “Jesú Bambino”, Gil foi sucesso com “Não chore não” e fez versão de Stevie Wonder; Haroldo Barbosa fez letras para boleros famosos como “Maria Elena” e “Quizás, Quizás”, “El dia que me queiras” e para a “Polonaise” de Chopin.

João de Barro adaptou a “Valsa da Despedida”, até o poeta Olegário Mariano entrou nessa; David Nasser trouxe para o português “Besame Mucho”; Jair Amorim “As Time Goes by”. Lamartine Babo, pôs letra em várias composições de Franz Lehar, “Night and Day”, “Perfídia”, “Star Dust”. Pioneiros também fizeram e gravaram versões. Mário Pinheiro não deixou por menos, do Maria, Mari de Di Capua fez duas, uma chamou Ai Maria e a outra “Descerra-te janela”. Eduardo das Neves pegou a canção napolitana “Vieni sul mar” e transformou-a em “Oh Minas Gerais”. No time entram Eduardo Souto, Orestes Barbosa e muitos outros. Francisco Alves deitou e rolou gravando versões de tudo que aparecia: fox, tango, bolero, opereta. Era uma música fazer sucesso como tema de filme e ele estava lá para abocanhar. Recentemente Nara Leão lançou um LP só com versões. Na minha opinião não representam nenhum exceto contra a MPB. A seu favor o fato de serem

gravadas aqui com artistas brasileiros. De qualquer maneira ainda estamos em desvantagem, pois artistas de relevo nossos como Roberto Carlos, Altamar Dutra, Nelson Ned, conseguiram penetrar no mercado latino-americano mas cantando em espanhol. Sergio Mendes para sensibilizar o público norte-americano teve que salpicar catchup nos seus arranjos de músicas brasileiras. Os exemplos são intermináveis.

Bem, andamos divagando um pouco, agora vamos voltar ao arrazoado da crítica à intromissão na nossa MPB. Há muitos anos Benedito Lacerda e Darcy de Oliveira já diziam que “Isso aqui tem dono”:

*É nossa, tem dono
Ninguém põe a mão
É nossa toda essa imensa nação.*

É válido o alerta, pois segundo J. Sacomani, Arrelia e E. Consoni, corríamos sério perigo no carnaval de 57:

*Você quer um cacho de banana
Mas na sua terra não dá
A banana é do meu país
Veja lá onde mete o seu nariz
Acho uma graça em Mr. Johnny
Em tudo quer ser o tal
Qualquer dia vai querer ser o dono
Até do nosso carnaval.*

As Bandas Blacks ouriçaram durante algum tempo mas dois ótimos sambistas estavam de olho nela: Wilson Moreira e Nei Lopes:

*Hoje só tem “discotheque”
Só tem som de “black”
Só imitação
Já não tem mais caixa de goiabada cascão.*

Voltaire e Antonio Carlos também empunharam as armas em sua composição “Black Samba”:

*Na quadra da escola
O som tá diferente
Tá pintando aí
A nova transação
O movimento é “black”
É som importação, iê, iê, iê*

*Everybody, iê, iê, iê, alô brother
“Tamos aí”
É muito peso na barra
Fique sabendo entretanto
Não abro mão da poesia
Nem tiro o samba de campo.*

Na verdade, os defensores do samba são guerrilheiros temíveis, que não param de mordiscar o calcanhar dos inimigos. Wilson Batista em 1943 já contra-atacava:

*Não danço tango, nem swing e nem rumba
Gosto do choro, do batuque e da macumba.*

Haroldo Barbosa e Geraldo Jaques voltam às origens em “Adeus América”.

*Não posso mais, ai que saudade do Brasil
Ai que vontade que eu tenho de voltar
Adeus América essa terra é muito boa
Mas não posso ficar, porque
O samba mandou me chamar
Eu digo adeus ao boogie woogie, ao woogie boogie
E ao swing também
Chega de fox, fox-trotes e pinotes
Que isso não me convém
Eu vou voltar pra cuíca
Bater na barrica, tocar tamborim
Chega de lights e all rights, good nights
Isso não dá pra mim.*

Sergio de Carvalho e Paulo Bruce mandam um recado:

*Dê esse recado pra mim
Diz a ela que eu só quero é sambar
Diz que não seja ruim
E que pare esse chá-chá-chá.
Gosto de samba, gosto de sambar
Pare o chá-chá-chá
Diz a ela que eu só vim sambar
Que meu samba vale mais*

Que chá-chá-chá.

Mais outro ritmo latino repudiado por Nestor de Holanda e Jorge Tavares em “Irmão do Samba”:

*Eu não quero mais ouvir
Da guaracha o bim-bam-bú
Agora eu quero um samba
Ou então o maracatú*

Gordurinha com Almira Castilho fez o antológico “Chicletes com Banana”. Com interpretação inesquecível de Jackson do Pandeiro:

*Eu só boto be-bop no meu samba
Quando Tio Sam tocar o tamborim
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba
Quando ele aprender que samba não é rumba
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana
Chicletes eu misturo com banana.*

Em “Do you likes samba?”, Marcelo Duran também ataca:

*Do you like samba? I love too
If you love também samba
I love you
Pra poder cantar meu samba
Eu já estou com a perna bamba
De tanto esperar
Pra você me entender
Até inglês fui aprender
Pra me comunicar
Eu conheço muita gente
Que querendo ser pra frente
Bota a cara para quebrar
Compra disco brasileiro
Pensando que é estrangeiro
E vai pra casa esnobar.
Tem um tal de cash box
Que é um cara não me toques
Que faz a programação*

*Vejo a semana inteira
Uma novela brasileira
E não vi tocar sambão*

Os intrusos são denunciados no samba de Noca e Mauro Duarte “Isso tem que acabar”:

*Quanta gente bonita
Vestida de chita
Querendo sambar
Quanto mulato maneiro
Que fez samba o ano inteiro
Pra ver sua Escola brilhar
No carnaval
E quando chega fevereiro
Na escola só tem estrangeiro
Querendo esnobar
Bota mulato e mulata de lado
E faz um samba quadrado
Pra TV focalizar
Isso um dia tem que acabar.*

O vanguardista Carlos Lyra quando lançou “Influência do Jazz” em 1961 foi muito hostilizado. Teve que se defender: “Sou a favor das influencias estrangeiras desde que não violentem as raízes culturais nacionais.”

*Pobre samba meu
Foi se misturando
Se modernizando
E se perdeu
E o rebolado, cadê, não tem mais
Cadê o tal gingado
Que mexe com a gente
Coitado do meu samba
Mudou de repente: influência do jazz.*

João Roberto Kelly em 1964 com “Botando jazz no meu sambão”, engrossou o protesto:

*Ontem fui a um samba diferente
Quase que chorou meu coração*

*No pé, era balé, não era samba
E como tinha jazz o meu sambão.*

Nilton da Flor acendeu-lhe os brios quando exclama: “Tu és brasileiro.”

*Vai... atravesse as fronteiras,
Vê se quebra esta barreira
Que o samba encontra no seu caminhar
Vai... cante um verso, cante o amor, a poesia,
É preciso reforçar a melodia
Do samba que reclama o seu cantar
Vai... só peço a você não cante
O que vem do estrangeiro
Você não entende, tu és brasileiro
A coisa mais linda é o samba no ar.*

S. Beto e Valfer nos colocam uma perspectiva assustadora em “Rock enredo”:

*Andam dizendo por aí
Que o samba vai acabar
Que a batucada está fora
O samba já não dá
Que o negócio é rock roll
Mas sendo assim o que será
De Nelson Cavaquinho
Até Paulinho da Viola
Vai tocar guitarra
Tenho medo de pensar
Na minha Escola na avenida
Dançando o Rock-Enredo*

O grande compositor Ary Barroso por volta dos anos quarenta já escrevia numa crônica:

“Antigamente não havia “gramática” em samba. E todos entendiam.”

“Antigamente não havia “acordes americanos” em samba. E todos entendiam.”

“Antigamente não havia “boites”, nem “night-clubs”, nem “blacktie”. E o samba andava pelos cabarés, humildes, sem dinheiro.”

Ao morrer, entre várias obras inéditas foi encontrada a que dizia:

*O samba não pode ser modificado
Porque não tem bastão
Sambista não é capim
Que nasce à-toa não
Sambista é vocação!*

Quem não pode não se estabelece. É mais ou menos isso que Mário de Andrade, respaldado, em sua vasta cultura musical, quer dizer quando afirma: “o que fizer arte internacional ou estrangeira, se não for um gênio, é um inútil e um nulo. E é uma reverendíssima besta.”

O radicalismo pode não ser o caminho ideal, mas ser submisso ao dirigismo cultural é aviltante. Tendo certeza que os compositores continuarão lutando contra a ofensiva sistemática e sufocante, com a arma que sabem manejar com mais eficácia: o talento. E com muita fé.

*Se alguém disser que o samba acabou
Diga que se enganou, diga que se enganou
E o culpado é o compositor
Diga que se enganou.
O samba teve e sempre terá espaço
Carrega pelo braço
O som que se apresentar
Não se altera mesmo na corda bamba
Quem hoje não toca samba
Um dia ainda vai sambar.*

(“Questão de Fé”, samba de Jorge Aragão e Dida”)

FRANCISCO ALVES, MOCINHO OU VILÃO?

Francisco Alves, sem dúvida, foi o mais popular cantor de sua época. Figura contraditória também. Alguns contemporâneos seus louvam seu coleguismo, sua solidariedade, seu fraternalismo. Outros relembram-no como sujeito cheio de empáfia, mal-educado e egoísta. Jacob do Bandolim em conversa com o autor disse que tinha racionados amigos e uma legião de inimigos cordiais. Sua rispidez intimidava um pouco as pessoas. Era uma espécie de termômetro do bom-gosto musical, o que é bastante questionável, mas a verdade é que se ele não gostava ou se recusava a gravar determinada música, o compositor escondia isso, pois esta se desvalorizava e se outros cantores soubessem da negativa dele também não gravavam. Antônio Almeida confirma sua pouca sociabilidade e diz que o período em que fez dupla com Mário Reis lhe foi benéfico, pois este bem nascido, bacharel em Direito, deu-lhe umas buriladas. Mesmo assim acabaram estremecidos como contou Mário a Sergio Cabral. Em 1933 a dupla desfez-se e andaram se degladiando pelo jornais. Francisco Alves ainda deu o maior azar. Bide e Marçal levaram dois sambas, para que cada um escolhesse o de sua preferência. Chico escolheu primeiro um chamado “Vivo Sonhando” que não fez sucesso. Sobrou para Mário o antológico “Agora é cinza”. Chico soltou fumacinha. Mário Reis conta outro fato que demonstra a grossura do ex-amigo. Nilton Bastos já estava moribundo, rodeado de amigos quando Chico entrou no quarto cantando: “Quando eu morrer, não quero choro nem vela...(1)

Na década de trinta sua voz não tinha rival. Foi sua fase de ouro. As gravações daquela época atestam isso apesar das deficiências técnicas e eu, avalizo. Mas se críticos modernos o repudiam por seu vozeirão operístico, outros antigos não fizeram por menos e espicçaram-no por acharem ser um desperdício tão bela voz estar voltada para os ritmos populares.

Orestes Barbosa no seu livro “Samba”, de 1933, diz que era o maior cantor do Brasil. E mais: “Discutido, combatido, imitado, porque fez escola, tema eterno de todos os debates do meio em que se agita, a prova de seu mérito é exatamente esse murmúrio que lhe cerca a personalidade singular”. No mesmo ano o cronista Vagalume lançava seu precioso livro “Na Roda do Samba”, com opinião bem diferente da de Orestes: “O Chico Viola, por exemplo, é autor de uma infinidade de sambas e outras produções que agradaram, saídas do bestunto alheio”.

Outro jornalista, J. Efegê, em sua coluna faz uma defesa não muito convincente: “Não é tanto assim. Francisco Alves interpreta muitos sambas e permite, algumas vezes (sic) que o nome dos autores apareça nos discos”. Vagalume continua o ataque: “Chico Viola por exemplo, não é plagiário. Ele é apenas o padrasto, o pai adotivo de uma infinidade de sambas.” Almirante contesta: “Elementos da Música Popular, injustamente criticam o notável artista dizendo-o um simples comprador de samba, mera balela. É necessário fazer justiça a ele.”

No seu livro “No tempo de Noel Rosa”, derrama-se deslumbrado ao falar no cantor, quando este acercou-se dele que ouvia uma gravação e cantou junto. “Nada no mundo então eu poderia ser mais grato do que verificar que aquela celebridade conhecia minha melodia, sabia de cor os meus pobres versos.” Vagalume continua aceso: “O Chico Viola

compra o que é dos outros e grava na Casa Edison - é uma mina! Tendo porém o cuidado de boicotar ou prender, o que não consegue negociar.”

Em 1936, Alexandre Gonçalves Pinto, no livro “O choro”, joga confete: “Francisco Alves é primus inter pares dos cantores da atualidade. Hoje é o farol que ilumina o meio”. Alguns pesquisadores da MPB reconhecem que Chico Alves comprou muita música, mas fazem a ressalva de que foi através do seu faro que esses vendedores saíram do ostracismo. Dizia-se na época que o malandro-compositor Brancura tomava no peito sambas de outros e levava ao Chico como seus.

Francisco Alves tinha enorme tirocínio para negócios. Criou a primeira Central Produtora de Samba, quando contratou Ismael Silva e Nilton Bastos para produzirem composições exclusivas.

Com a morte de Nilton substituiu-o Noel Rosa. Foi uma sociedade tulmutuada. Noel era um espírito liberto e Chico tentou enquadrá-lo. Segundo Almirante Francisco Alves transacionava com carros usados e Noel lhe comprou um tendo ficado com a corda no pescoço. Chico propôs então controlar todas as suas atividades artísticas, inclusive direitos autorais. O próprio Chico conta seus arrufos com “O poeta da Vila”: “Numa excursão ao Sul eu me responsabilizei por Noel com sua mãe. Infelizmente lá ele continuou as farras. Ameacei mandá-lo de volta e ele melhorou um pouco. De volta ao Rio soube que Noel ficara aborrecido comigo achando que eu queria guiar sua vida e que do seu ressentimento nascera o samba “Vitória” que Silvio Caldas ia gravar sem saber a origem. Apareci no dia da gravação e cantei no coro gozando a cara do Noel nos versos que me espinafaram:”

*Antes da vitória
Não se deve cantar glória
Você criou fama
Deitou-se na cama
E eu que não estou dormindo
Vou subindo, vou subindo
Enquanto você vai decaindo.*

Mais farpas de Noel em “Mas como?” que o próprio Chico gravou sem perceber as indiretas:

*O meu dinheiro é macho e não cresce
Só o teu cresce e aparece
Teu grande medo lá no botequim
É pagar o café pra mim.*

E continuam os obuses em “Na esquina da vida”:

*É na esquina da vida
Que assisto à descida
De quem subiu
Faço o confronto
Entre o malandro e pronto
E o otário, que nasceu pra milionário.*

Faz blague com as composições de Chico:

*E no fim da irradiação
Vem a “Voz de Violão”
Que é mais antiga que o Casé
“Dona da minha vontade”
Saiba Vossa Majestade
Que cantarei o que quiser.*

Tinha fama de pão-duro. Ele mesmo fala a respeito: “De fato nunca fui de jogar pela janela o dinheiro que ganhava trabalhando noite e dia. Se alguém me chama de pão-duro irrita-me menos do que me chamasse de “mordedor”, que nunca fui. Matei muita fome e várias vezes tive a surpresa de ouvir de amigos que outrora sustentara, frases como essa: você é um sovina Chico”.

Herivelto Martins comentou com o autor que ele tinha pavor de ser espoliado, mas que era um sujeito de temperamento firme. Nassara confirma sua personalidade forte: “Certa vez num show no Cassino da Urca ele exigiu e foi atendido em só cantar se ganhasse o mesmo que Pedro Vargas.”

Uma das pessoas que o conheceu melhor foi Haroldo Barbosa, uma espécie de eminência parda, sócio turfista que até influenciava na escolha do repertório: “Francisco Alves era ao natural um homem ríspido, às vezes demasiadamente áspero, porém amolecia quando um cavalinho seu punha o focinho para fora da baia. Ele só era mão fechada para certas coisas, porque ficava contente em ajudar os amigos. Quando casei ofereceu uma de suas casas para que eu morasse.”

Prossegue Vagalume lançando suas zarabatanas: “Não é da roda nem conhece o ritmo do samba. Conhece, entretanto os fazedores de samba, os musicistas, enfim, “os enforcados”, com os quais negocia, comprando-lhe os trabalhos e ocultando os nomes. Dizem, quase todos que o Chico é um magnífico intérprete e mais nada.

Afirmam que é incapaz de produzir qualquer coisa, pois que o que é bom não é seu o e que é seu não presta. “Eu, particularmente discordo em parte da saraivada acima. Não que considere Chico um santo, sei que se acoplou a muitas músicas sem delas ter participado, mas seu talento de melodista torna-se inatacável diante da lista abaixo de letras que musicou com parceiros que nunca aceitariam conchavo: “A voz do violão”, “Dona da minha vontade”, “Canção da criança”, “Há uma forte corrente contra você”, “Lua nova”, “A mulher que ficou na taça”, “Velhas cartas de amor”. Klécio Caldas, co-autor nesta última confirma esse seu dom. Mas tiveram atritos pois Chico quis mudar o andamento de outra música de Klécio, Ximango, ameaçando não gravar caso ele não aceitasse sua imposição. O autor fez pé firme e o cantor acabou cedendo. Entretanto só voltaram a se falar uma semana antes da morte do artista, na casa de David Nasser, quando Chico pretendeu gravar “D. Cegonha” que já estava prometida a Blecaute. Carlos Maul in “O Rio da Bela Época” o chama de “o cantor que tinha ouvido de ladrão”.

O jornalista Antônio Luiz, em suas recordações sobre Ary Barroso, conta: “Chico Alves com aquela sua maneira mal educada de dizer as coisas, cuspiendo sempre para os lados, pegava Ary pelo pescoço e levava numa caminhada que não passava da calçada da antiga Galeria Cruzeiro e ao pé do ouvido lhe fazia revelações. Depois o Ary contava: “Ele

comprou uma letra de um malandro lá do Estácio e não é que a letra tem bossa? Vai fazer sucesso. Mas o Chico não sabe o que fazer da letra. Vou compor a música para o carnaval.”

O locutor Reinaldo Dias Leme, que durante oito anos foi seu apresentador aos domingos na Rádio Nacional depõe: “Foi uma figura discutida. Diziam-no profundamente egoísta e pão-duro. Tenho dele a melhor das impressões. Era cordial e tinha pelos colegas o maior respeito. Cansei de vê-lo estimulando os novos valores que surgiam, sempre com um ar paternal de veterano que conhecia as pedras do caminho.” A história da Música Popular cita alguns exemplos, tendo pedido a contratação de Aracy de Almeida, Orlando Silva e João Dias. Sempre que podia ia ajudá-los no coro das gravações. Orlando Silva fala dele: “Apesar de responsável pelo meu lançamento jamais teve medo da concorrência.”

João Dias recebeu esse comentário: “O cara é bom, tem boa voz e ainda ajuda a mãe. Merece um empurrão.” Fernando Lobo dá sua impressão: “Era estranho, sisudo, esquisitão, mas um profissional muito compenetrado. Era cordato quando não lhe contrariavam.” O seu aborrecimento com Francisco Carlos evidenciava isso. Quando este foi eleito a melhor voz do ano, no início de sua carreira, causou irritação no imbatível Rei da Voz, que não se conformou com a derrota e ficou estremecido com o iniciante. Roberto Martins relata seu choque com ele: “Um excelente camarada dentro do princípio de instrução que ele tinha. Brigamos por causa da música “Cai, Cai” (Cai, cai/ Eu não vou te levantar/ Cai, cai, cai/ Quem mandou escorregar) que entreguei ao Joel e Gaúcho para gravarem. Chico que era da mesma gravadora ficou sabendo pelo editor Mangione da existência da música e se interessou em gravá-la. Este me comunicou o fato mas eu queria a composição gravada pela dupla. Mangione até insinuou que esta poderia ser afastada. Quando Chico me procurou cantei-lhe a música sem nenhuma inspiração, desafinando propositalmente. Ele achou horrível. Depois que estourou percebeu que tinha sido ludibriado por mim e queria sair no braço, me chamou de moleque: “Quer ser mais malandro do que eu que sou da Lapa.”

Apesar de muito esperto era inculto. Herivelto explica: “Era um homem que tinha vindo de um berço muito pobre, veio da rua mesmo. Tinha pouca instrução, tinha uma vivência entre choferes, que era uma classezinha brava na época e convivendo com a malandragem da Lapa. Então era um homem assim meio grosso.” Nestor de Holanda conta uma anedota que circulava a seu respeito: Chico certa vez estava numa roda noturna quando resolveu ir dormir., Despediu-se: “Até amanhã, vou agora cair nos braços do ORFEU.” Alguém observou: “Ei Chico, está faltando um M no nome do teu deus mitológico.” Deu um tapinha na testa: “Isso mesmo, é para os braços do ORFEOM.” Numa gravação em dupla Carmem Miranda onde surgia a palavra dilúvio não houve meio de acertar e repetiu várias vezes “delúvio”. E se seguem os prós e os contras.

O radialista Paulo Roberto traça-lhe este perfil: “Chico realmente marcou época no rádio brasileiro. Onde seu nome era anunciado o público acorria, os auditórios lotavam. É bom lembrar que não havia máquina publicitária para promover como existe hoje. Só com talento se chegava ao topo.” Lúcio Rangel também é voto a favor: “Chico fazia qualquer coisa de sua voz, que era absolutamente maravilhosa.” Russo do Pandeiro que excursionou com ele: “Ele era difícil, não ia com qualquer um. Quando ele gostava da pessoa era até bem amável. Ele era estourado, violento, nervosíssimo. No navio, quando íamos para a Argentina, sua mulher Célia Zenatti esqueceu a documentação. Ele estourou, perdeu a linha e queria que ela ficasse em Santos”. Em Miguel Pereira onde tinha um sítio os habitantes habituaram-se a vê-lo caminhar insone pelas madrugadas. Bide da Flauta tem queixas: “O único que não ligava muito para mim – que Deus o tenha, mas ele era muito enjoado era o

Francisco Alves.” Hervê Cordovil teve um entrevero com ele porque Chico cismou de cantar seu samba com ritmo diferente. Como recusasse, Chico em represália anunciou o samba como “do meu amigo Orestes, omitindo Hervê.” Teve um pega também com seu parceiro na “Voz do Violão”, Horácio Campos, a quem acusou de ter lhe passado a perna. O homem era tihoso hem! Leonel Azevedo, belo Compositor, autor de “Lábios que beijei”, “Cabocla” e outras canções eternas conta seu episódio: “Era um grosso, irrásível, turrão. Provocava muitos casos com os colegas. Agora entretanto eu quero ressaltar uma qualidade formidável que ele tinha: era um grande profissional. Quando ele dizia que gravava uma música podia se contar que gravava mesmo. Sobre isso aconteceu comigo um caso muito significativo. Eu tinha feito uma música com J. Cascata chamada “Nosso Romance”. Chico gostou ao ouvir no rádio e quis gravar. Nessa época houve um desentendimento comigo, quando fomos às vias de fato. E ele cortou relações comigo. Depois encontrou o Cascata e falou na música e o Cascata sabendo da nossa briga disse que a música era só dele com medo que o Chico não gravasse. Bom, no dia marcado para o ensaio eu não quis entrar no estúdio. Quando Chico pegou a letra e viu meu nome falou pro Cascata: “Olha vou gravar essa música por duas razões, primeiro porque é muito bonita e segundo porque é tua.

Pelo teu parceiro eu não gravava não, que ele é muito folgado.” O crítico J.L. Ferrete que o conheceu quando tinha 19 anos e era o programador em São Paulo tem uma impressão lisonjeira: “Chico deixava todo mundo à vontade – eu tratava-o de você – apesar de aparentar por certas maneiras bruscas certo egoísmo e até mesmo grosseira. Atencioso telefonou-me certa vez para dizer que estava providenciando o envio para mim de cópias de discos dele que eu não tinha, conforme prometera e eu nem esperava mais. “Para Cristóvão de Alencar era uma pessoa contraditória e muito vaidoso e que gostava sempre de levar vantagem. Gostava de ser badalado. Klécio Caldas diz que lembra um rei pela altivez e pelo séquito de bajuladores que vivia a acompanhar-lhe os passos, derretendo-se em medidas e rapapés. Denis Brean, compositor paulista, bem que podia ser um dos cortesãos. Vejam como se refere ao cantor: “Nós que somos republicanos fervorosos somente baixamos a cabeça ante a majestade de Francisco Alves, o Rei da Voz. Francisco Alves I e único, é o capítulo mais brilhante de nossa música popular. “Jonas Vieira na sua biografia de Orlando Silva, transcreve palavras do compositor Newton Teixeira, onde este relata que quando Chico lançou o futuro “Cantor das Multidões”, visava puxar o tapete de Silvio Caldas, também com muito prestígio e seu principal concorrente na época. Silvio lembra que Chico era muito dominador e a explicação que tem para a manobra de Chico é que este deve ter melindrado por ele ter se recusado a participar de um programa de rádio comandado pelo Rei. Seria uma represália. Agora que se sabe desse detalhe quem garante que Silvio não gravou o “Vitória” de Noel para dar propositalmente uma figadela no Chico? Assis Valente conta que mostrou sua música “Good-Bye Boy” a Carmem Miranda, ela se entusiasmou e se comprometeu a apresentá-la num show de teatro. Francisco Alves que coordenava o espetáculo não gostou e cortou o número na hora. Assis ficou arrasado mas Josué de Barros esqueceu o veto e quando Carmem entrou no palco tocou a introdução, ela cantou, e foi uma consagração. Chico Alves ficou totalmente passado. Na véspera de sua morte fez uma apresentação pública em São Paulo. Entre suas últimas palavras gravadas um apelo: “Agora vou cantar uma canção intitulada “Canção da Criança” que foi lançada para as crianças.

Peço a vocês que colaborem porque eu estou procurando colaborar com aqueles que necessitam bastante que são as crianças pobres do nosso Brasil. Ajudem as crianças e ajudam a todos.” Chico abriu mão de seus direitos em benefício de um orfanato. Sua morte fez com que fossem vendidas milhares de cópias. Aí está uma colagem imparcial do Francisco Alves gente, despido das alegorias do mito, para que tirem suas conclusões quanto ao título do artigo.

NOTA

(1) Mário Reis fez confusão, pois estes versos de “Fita Amarela” de Noel Rosa foram criados depois da morte de Nilton Bastos. João Máximo e Carlos Didier na excelente biografia de Noel, deduzem que o mais provável é que Chico tenha cantado outros muito populares na época: “Quando eu morrer não quero choro nem nada/ Eu quero ouvir um samba/Ao romper da madrugada.”

A POÉTICA DOS QUADRINHOS

É inegável o fascínio que as histórias em quadrinhos exerceram sobre várias gerações, desde que surgiram em 1895 na figura do Yellow Kid, publicada pelo New York World. Rotuladas como leitura marginal, capaz de embotar a mente dos jovens, fora, vítimas de pais e educadores (que as liam no banheiro) e de furibundas ligas de decência. Esforço vão. Elas vinham para ficar, uma bola de neve incontrolável, tendo a empurrá-las a arte americana de disseminação, que espalhou seus “comics” por todo o mundo.

E os heróis surgiram e foram idolatrados. Algumas historietas eram verdadeiros primores na arte do desenho, como Príncipe Valente, Tarzã, Flash Gordon. Brigas teriam que surgir diante de um negócio que se tornava rendodíssimo, como por exemplo Superhomem versus Capitão Marvel. Esta última criação não pôde ser publicada nos Estados Unidos por ter sido considerada um pastiche do Homem de Kripton. Sua importância extrapolava fronteiras e incomodava. Goering, poderoso ministro de Hitler, bradava: “O superhomem é judeu!” Mussolini fazia coro: “Flash Gordon é um propagandista americano.” Uma das senhas americanas durante a Segunda Grande Guerra era: quem é a esposa de Pafúncio? Quando Ferdinando casou com a Risoleta foi capa do Times. Virou peça na Broadway e filme de sucesso. O Dia da Maria Cebola, que muitos donos de casas noturnas no Brasil promovem para atrair mais público, onde as mulheres abordam os homens, originou-se dessa historietas, pois, nesse dia em Brejo Seco, os solteiros eram implacavelmente perseguido. Seu autor All Capp foi sugerido para o prêmio Nobel por John Steinbeck: “é o maior escritor da América.” Popeye tem estátua no Texas, também virou filme com atores humanos e pasmem, personagem de um dos mais nacionalistas de nossos escritores: Monteiro Lobato. Sim, andou passeando pelo Pica-Pau Amarelo. O Apollo 8 e seu módulo lunar foram denominados respectivamente Charlie Brown e Snoopy.

Fellini foi um apaixonado pelos quadrinhos, chegando a declarar: “seria o mais feliz dos homens se pudesse filmar Flash Gordon e Mandrake.” Por falar em Mandrake, Lee Falk, seu escritor, veio ao Brasil há alguns anos e ficou surpreso com o número de repórteres que foram entrevistá-lo e também aborrecido com o teor de algumas perguntas, como, por exemplo, se o Lothar não seria algo mais que um guarda-costas, em outras palavras, se não havia um caso entre os dois personagens.

O cinema, que no início não investira na nova arte a não ser em indigentes mas degustadíssimas fitas em série abriu campo às super-produções. A TV também contribuiu para aumentar a popularidade lançando desenhos aos borbotões. Era portanto previsível que a Música Popular se deixasse sensibilizar por todo esse mundo de fantasia e começasse a cantar os heróis. Este artigo é para mostrar um pouco desse encanto.

Antes um pequeno passeio pela história dos quadrinhos no Brasil.

Nossos pais e avós leram o Tico-Tico surgido em 1905 e que teve seus dias de glória. As coisas ficaram mornas até o aparecimento do Suplemento Juvenil em 1934. Aí começou a mania. Nasceram o Globo Juvenil, Mirim, O Guri, O Gibi. Este último acabou virando sinônimo de revista infantil. Passou também a significar algo em evidência. Dizer “nunca vi seu nome no Gibi” era reduzir a pessoa ao mais ínfimo dos mortais. Sergio Augusto o definiu bem: “O Gibi transformou-se num espantoso culto de imagens,

refletindo o que fomos nos últimos 50 anos e o que somos hoje, ou até o que seremos no futuro. “Ei-lo marcando presença em “Cinema Mudo” de Carlinhos Vergueiro:

*Cada disco na vitrola
Cada livro na vitrine
Cada fita no cinema
São tantas as promessas
Cada sonho que se sonha
Tanto sangue que se ouve
No jornal falado
No cinema mudo
Beba muito guaraná
Leia sempre um bom Gibi*

Mas a potencialidade brasileira começou a vir à tona com Pererê, de Ziraldo, em 1959 e explodindo com Maurício de Souza e sua Turma da Mônica a partir de 1962. Chico Anísio e Arnoud Rodrigues em 1969 lançaram a composição “História em Quadrinhos.” Como curiosidade eis um trecho:

*Você passou – quadrinho 1
E olhou pra mim – quadrinho 2
Perguntei “dá pé”? – quadrinho 3
Você disse sim! – quadrinho 4
E aí foi só você e eu.*

Tarzan nasceu através de Edgar Rice Burroughs, em livro, no ano de 1914. Em 1918 já estava no cinema com Elmo Lincoln. Em 1929 já era sucesso em quadrinhos e o cinema voltou a requisitá-lo com o inesquecível Johnny Weissmuller. Noel Rosa e Vadico em 1936 compuseram o engraçado “Tarzan”, o filho do alfaiate.”

*Quem foi que disse que eu era forte?
Nunca pratiquei esporte
Nem conheço futebol
O meu parceiro sempre foi o travesseiro
E eu passo o ano inteiro
Sem ver um raio de sol
A minha força bruta reside
Em um clássico cabide
Já cansado de sofrer
Minha armadura é de casimira dura
Que me dá musculatura
Mas que pesa e faz doer
Eu poso pros fotógrafos
E distribuo autógrafos
A todas as pequenas lá da praia de manhã...
Um argentino me vendo em Copacabana:
“No hay fuerza sobrehumana
Que detenga este Tarzan.”*

Os Originais do Samba cantam de bon-sucesso, J. Carioca e Bidi, a divertida “Aniversário do Tarzan”:

*Quando entrei na mata
Bebi água na cascata
Era uma linda manhã
Os macacos pulavam em festa
Era aniversário do Tarzan.
O Príncipe Lotar e o Mandrake
Chegaram com o fantasma Voador
Tudo era alegria
O Zorro chegou beijando o Sargento Garcia
A Mônica com aquele jeitinho que só ela tem
Bateu no Cascão e no Anjinho também
E fez Cebolinha cantar parabéns.*

Volta a ser lembrado por Claudio Tolomei, João Bosco e Aldyr Blanc, coitado, já sofrendo os males da civilização.

*Olha meu bem o que restou
Daquele grande herói
Sem teu amor enlouqueci
E ando dodói,
Como Tarzan depois da gripe
De emplastro Sabiá
Tomando cana nos botequins
Eu vou me acabar.*

Claudio Cartier e Paulo Feital recordam-no nostálgicos:

*Quisera.
Eu regredisse em cada dia um mês
Quem dra ouvir Tarzan falar
Pela primeira vez*

No MPB SHELL 81 Julio barroso apresentou “Perdidos na Selva “uma salada tropicalista (com orangotango e tudo!):

*Perdidos na selva
Orangotangos de tanga no tango
Tigresa em pele botando a mesa
Papagaios, bem-te-vis e araras
Revoando flores, folhas e varas
Ah! Que calor tropical
É sururu, carnaval
Deu febre na floresta inteira*

*Quando o avião deu a pane
Eu já previa tudinho
Vem Tarzan e a Jane
Incendiando muros neste matinho.*

O marinheiro Popeye é um dos mais antigos heróis, tenho sido criado em 1929 por Elzie Segar. Pulou para o desenho animado e mostrando seu vigor virou filme com personagens humanos. Foi responsável por milhares de engulhos infantis provocados pelas conscienciosas mães que empurravam pela goela abaixo dos guris a massaroca verde de espinafre. Paulo Massadas retratou isso bem:

*Ai, ai, mamãe me chama de faquir
Eu vou é começar a agir
Diz que tudo me aborrece
Que os problemas me emagrecem
Tenho que me alimentar, ai.
Espinafre no almoço
Espinafre no jantar
É o conselho do amigo Popeye.*

“Geléia de Marimbondo” de João Roberto Kely é um concorrente:

*Parece até o espinafre do Popái
Quem toma,
Balança mas não cai
Por isso não escondo
Tomo, tomo
Geléia de marimbondo.*

Flash Gordon, pioneiro no Brasil, chega na interessante letra de “Kid Supérfluo” de Arrigo Barnabé:

*Há muitas naves pelo espaço
Todas procuram o astronauta perdido
Ele viaja sozinho
Buscando a estrela mítica galadriel
É o veterano da amargura
É o vagabundo do espaço
Nem Blade Runner nem Flash Gordon
É o astronauta perdido.*

Sergio Lopes e Paulo Coelho parecem que nunca tiveram infância e desmitifica-os em “Era dos Super-Heróis”:

*Essa é a era
Era dos Super-Heróis
Batmann e Robin estão aposentados
Tarzan e Jane divorciados
É o Capitão América*

*Trocou o escudo por um violão
Pantera verde cassou sua filha
Transando a Mulher Maravilha
E o grande Thor deixou cair
Um martelo em cima do dedão
Homem de ferro está enferrujado
Homem Aranha es'ta todo enroscado
E a inflação americana
O Ciborg desvalorizou
O Homem de Vidro já se evaporou
O Homem Borracha já se apagou
E o Capitão Submarino na banheira
Quase se afogou.*

E o desfile continua com “Os Super-Heróis” de Toquinho e Mutinho:

*Nós somos os Super-Heróis
Defendemos nossa nação
Vivemos nos Gibis
Nas telas dos cines, nos filmes de televisão.
Levamos bandidos, ladrões, malfeitores, larápios
A dormir na prisão.*

.....
*Eu sou o Homem Aranha
E vou lhes contar um pequeno segredo
Se esqueço da rede subindo num prédio
Eu fico morrendo de medo
Eu sou o detetive Batmann
E ontem à tarde perdi minha agulha
Caiu um botão da minha capa e eu não pude
De noite fazer a patrulha.
Eu sou leal Superhomem
E hoje cedinho antes de ir pro batente
Estava com sono e passei sem querer
Criptonita na escova de dente.
Eu sou o conhecido Hulk
Eu vou revelar um segredo contido
No carnaval, na avenida vou me fantasiar
De abacate batido.
Eu sou a mulher-Maravilha
E super mulher que se preza não mente
Eu fui dar um beijo no meu namorado
E quebrei seus dentinhos da frente.*

“Você escolheu errado seu Super-herói” do quarteto Aguillar, Go, Thomas Brun e Dekinha:

*Mas o que mais me dói
Você escolheu errado o seu Super-herói
Sou mais o Homem aranha
Na minha teia eu nasço logo em façanhas.
Mas o que mais me dói...
Dr. Silvana, Dr. Silvana,
Você entra em cana.
Superhomem, Hulk, Mandrake, Batman e Robin
Amo vocês do começo ao fim.*

Há alguns anos os heróis mais populares eram Luluzinha e Bolinha e o Pato Donald. Isso antes da avalanche de desenhos televisivos. Os leitores devem ter percebido a ausência de Walt Disney nesta pesquisa. Não foi omissão minha, apenas critério em selecionar os que tiveram berço nos quadrinhos. As criações de Disney nasceram no cinema e depois é que saltaram para as revistas. Roberto e Erasmo fizeram a descompromissada “Festa do bolinha”.

*Eu ontem fui à festa
Na casa do Bolinha
Confesso não gostei
Dos modos da Glorinha
Toda assanhada, nunca vi igual
Trocava mil beijinhos com Raposo no quintal
Porém pouco durou aquela paixão
Pois bolinha com ciúmes
Formou a confusão
Aninha tropeçou
E os copos derrubou
E a casa do Bolinha
Num inferno se tornou
Bolinha provou que é ciumento pra chuchu
Diz que não gosta de Lulu
Bobinha, que por ele ainda chora
Com tanto pão
Dando sopa no salão
Luluzinha foi gostar
Logo do Bolão.*

Outra “Festa do Bolinha” de Jorge Washington:

*Vai, vai, vai Luluzinha
Vai ser fogo
A festa do bolinha
Vai haver brotinho à bessa*

*Pra brincar
E carango à pampas
Pra passear
A moçada é barra limpa
E vai andar na linha
Vai ser fogo
A festa do Bolinha.*

“Boi da cara branca” de Helio Matheus, em retorno à infância:

*Já faz alguns anos que você nasceu
Sempre levado e encucado assim como eu
Acorda em festa e manifesta a sua alegria
Como criança vai curtindo sua fantasia
Um dia é Robin, pode ser o Mancha Negra
Super-Pateta, Superhomem, Rei da brincadeira.*

Os Golden Boys lembraram o Fantasminha Camarada:

*Gasparzinho, fantasminha camarada
Que só quer com as pessoas conversar
Mas coitado do Gaspar, só dá mancada
Quando aparece todos correm a gritar.*

E a fantasia corre solta. Vejam “Solte o meu nariz” de Fábio Gaz e Vadão:

*Vou pra Nigéria
Tomar banho de água quente
Antes que Batmam
Me pegue e me arrebente*

O público é mesmo uma incógnita. O Homem Morcego andava com iboope baixíssimo quando por volta de 1989 ressurgiu impoluto com a batmania. Surgem os filmes. Surge o batmóvel e o batcôptero para desespero da algibeira dos pais. Sua cidade Gotham City foi título de uma canção de Jards Macalé e Capinam no IV Festival da Canção. A música captava a imagem sombria do lugar mas o público não percebeu e quase escalpeou o avançado Macalé. Por falar em cidade, Benito de Paula revolveu ser cicerone de Charlie Brown:

*Ê meu amigo Charlie
Ê meu amigo Charlie Brown
Se você quiser vou lhe mostrar
A nossa São Paulo, terra da garôa
Bahia de Caetano, nossa gente boa
A lebre mais bonita do Imperial
Meu Rio de Janeiro e o nosso carnaval, etc.*

Aí chega a anárquica Rita Lee com “Arrombou a Festa” com o visível intento de introduzir algo no ventilador:

*Ai, ai, meu Deus
O que foi que aconteceu
Com a Música Popular Brasileira
Todos falam sério
Todos levam a sério
Mas esse sério me parece brincadeira
Benito lá de Paula como o amigo Charlie Brown
Revive nesses tempos
O velho e chato Simonal, etc, etc.*

Um dos mais populares sem dúvida é Mandrake. Foi bastante adjetivado no Brasil. O sujeito “meio mandrake” é o espertalhão ou gay “por fazer desaparecer”, ou aquele capaz de resolver as situações mais enroladas. Surgiu em 1934 e sempre foi fiel aos quadrinhos. Arnaud Rodrigues lembra-se dele:

*Virou uma arruaça
Lá na praça da vida, lá na praça da vida
Tem um par de violas
Igual a Bob Dylan, igual a Bob Dylan
E tem um crioulo que faz um som de guitarra
Que gosta de Mandrake
Mas parece o James Hendrix*

Outro *non-sense*, agora de Eduardo Dusek: “Cadilirock”:

*Ele não sabia de nada, no entanto
Pelo circo ele era o melhor
Nem sabia se era bicho ou se era gente
Só sabia cantar Ave Maria em lá menor
Debaixo de uma lona furada
Ele era trapezista, era domador
Seguia um palhaço ou um mágico
Mandrake.*

Guilherme Lamounier usa bem a imagem em “Eu gosto de fazer o que ela gosta”:

*Eu gosto de fazer o que ela gosta
Oh, meu amor, eu sou um ícone índio apache
E você é a princesinha lá do forte
Você é Xuxa e eu sou Mandrake
E o nosso amor tem sempre um truque novo.*

O primitivo Brucutú que sem dúvida inspirou os Flinstones não podia estar ausente. Otolino Lopes, Adauto Michilis e Waldyr Ferreira lançaram-no no carnaval:

No tempo do Brucutu
Dinossauro era automóvel
E garoto era gugu
O homem arranjava mulher
Somente com uma beijoca
Puxava pelos cabelos
E carregava pra toca

Roberto Carlos na época pueril da Jovem Guarda gravou-o numa versão de Rossini Pinto:

*Olha o Brucutu, Brucutu
Nas histórias em quadrinhos
Das revistas, dos jornais
Olha o Brucutu, olha o Brucutu
Há um tipo curioso e até divertido demais
Olha o Brucutu, olha o Brucutu
O lugar onde ele vive todos sabem que é Mu.*

Os americanos como sempre previram o filão e em 1966 o maestro Ray Martin lançou um LP chamado “The Great Themes from Comic Strips.” Pelo tamanho a composição de Theotônio e Alberto Pavão “Família Buscapé” é um almanaque:

*Bem pra lá do fim do mundo
Certa vez em brejo Seco eu fui parar
Visitei uma família engraçada
Que é a dona do lugar
O nome dela é, é família Buscapé
O marido é o Lucifer
Mas quem manda na casa é a mulher
A Chulipa é muito forte
E a família sempre faz que ela quer
Quando eu quis tomar um banho
Procurei e não achei nenhum banheiro
Me disseram que a família toma seu banho
De lama no chiqueiro
Eu jantei mas não gostei
A Chulipa me deu sopa de fatia
E depois um horroroso
E mal-cheiroso ensopado de gambá
Violeta muito assanhada
O seu noivo Fernandinho quis beijar
O coitado que não é de nada
Foi saindo para não se complicar
Bem para lá do fim do mundo
Nunca mais em Brejo Seco eu vou parar
Visitei mas não gostei
Da família mais gozada do lugar*

O nome dela é, é família Buscapé.

O Superhomem surgiu em 1938 e um ano depois já aterrisava entre nós. Clark Kent se chamava então Edu. O mais política dos heróis, lutou contra nazistas, fascistas e japoneses durante a Segunda Grande Guerra. John Kennedy apareceu numa de suas histórias dando conselho aos jovens. Cristofer Reeve, seu intérprete na tela, esteve no Chile em defesa de artistas chilenos ameaçados e declarou: “nem o Superhomem dá jeito na situação aqui”. Em 1973 os Fevers gravam em versão de Rossini Pinto “Superman” onde vira conselheiro sentimental:

*Você faz o que quer
Tem poder, sabe mais
Tem o mundo inteiro a seus pés
Se você quiser
Quero ver você fazer
Meu amor voltar pra mim
Superman, Superman
Onde é que está você
Superman, Superman
Quero ver o seu poder
Não sei viver assim.*

Caetano coloca-o em seu rol na crítica contra os desvarios da supervalorização:

*Superbacana, Superbacana
Superhomem, Superflit
Supervinc, Superhist, Superviva.*

Gil o vê romanticamente:

*Quem sabe o Superhomem venha
Nos restituir a glória
Mudando como Deus
O curso da história
Por causa da mulher.*

Um ano depois surge mordendo-lhe os calcanhares, tonitroante, o Capitão Marvel. Ainda bem que brigaram nos tribunais e a partir de 1945 este último foi proibido de ser editado nos Estados Unidos. Mas voou para cá e Antonio Barreto, Pedro Paraguasú e Euclides Machado não tiveram cerimônia em lhe solicitar os préstimos:

*Ao chegar em casa
Alta madrugada
Eu li
Em uma folha do Gibi*

*A história de um turbante de cetim
E terminei sonhando que gritava assim:
Capitão Marvel!
Uma quadrilha assaltou meu bangalô, ô
E além do anel roubou-me tudo
Inclusive meu amor
SHAZAM! SHAZAM!
Socorro, por favor ô, ô
Fiquei de tanga
Sem o meu ventilador*

Se ele incomodou o Superhomem, não ficou impune, seus desenhistas criaram-lhe um adversário capaz de infernizar sua vida, um cri-cri genial: Dr. Silvana, lembrado por Gil em “O Sonho Acabou”.

*O sonho acabou desmanchando
A trama do Dr. Silvana
A trama do Dr. Fantástico
E o melão de cana.*

A fase das heroínas liberadas começou com a sensual Barbarella, em 1962. No carnaval de 71 estava na passarela:

*Eu sou a Barbarella sensacional
Cheguei tem meia hora de Marte
Eu vim pra brincar o carnaval
Barbarella, Barbarella
Ela é bonita, ela é bela
Barbarella, Barbarella
Ela vai sair lá na Portela.*

Reaparece em “Retiros Espirituais”, bonita canção de Gil, onde ele tece as palavras com muita competência:

*Nos meus retiros espirituais
Descubro coisas tão normais
Como estar defronte de uma coisa
E ficar
Horas a fio com ela
Bárbara bela tela de TV
Você há de achar gozado
Barbarella dita assim dessa maneira
Brincadeira sem nexo
Que gente maluca gosta de fazer.*

Lone Ranger (Carnavalesco Solitário), uma das historietas mais populares nos Estados Unidos, viajou para cá onde também conquistou a garotada. Só que, sabe-se lá baseado em que (talvez a máscara, única coisa em comum), batizaram-no Zorro. O herói não nasceu em quadrinhos, mas num programa radiofônico em 1932 e caiu em tal apreço do público que seis anos depois saltou com igual desenvoltura para os jornais. Nada tem a ver com o homônimo mexicano que combatia os invasores espanhóis na velha Califórnia colonial, e atazanava a vida do Sargento Garcia, que projetou-se pelo cinema baseado no romance “A maldição de Capistrano” de Johnston McCulley. Já o justiceiro dos quadrinhos com seu cavalo Silver e o fiel escudeiro, o índio Tonto, aventurava-se pelo oeste americano. Zé Ramalho em “O Monte Olímpia” requisita o cavalo para a escalada. Afinal o corcel era anunciado capaz de ser “rápido como a luz”:

*Vou subir o Monte Olímpia
A morada dos deuses, a morada dos loucos
Das pessoas que embarcam todo dia
Para um escaler
Perdidos escombros dos ossos de quem quiser
Vou subir no monte, num automóvel de luz
Num navio viking, no cavalo do Zorro.*

“3 x 4 de um Homem”, de Turkley, traça um futuro nada otimista:

*Então você abaixa num terreiro de macumba
Pega um baita resfriado e ainda morre de cachumba
Você pensa ser um Zorro mas não passa de um
Tonto
Esquece que a vida só existe uma vez
Cabelos já estão brancos e verdade amolece
E o único remédio é procurar INPS.*

Fecho as páginas da revista sonora que folheamos juntos, num passeio cúltico, creio dos mais enternecedores.

VAMOS CANTAR UMA PIADA?

O povo brasileiro é reconhecido por “*droit de naissance*” como divertido e espirituoso, capaz de temperar com uma pitada de humor as situações mais adversas. A anedota é uma instituição nacional. Ela é anárquica e indiscriminatória, apontando sua metralhadora giratória contra ricos, pobres, religiosos, minorias, etnias.

Enquanto em outros países cantores e músicos veteranos são prestigiados e respeitados, aqui perdem seu espaço e caem no ostracismo das churrascarias da vida. Os humoristas, porém, perduram no sucesso, ocupando horários nobres da TV. As piadas novas surgem abordando um acontecimento recente, andam o país todo e ninguém sabe quem as contou primeiro. Existem as clássicas, que nunca envelhecem, sendo passadas de geração em geração. Dois são os personagens principais: o português parvo e o papagaio velhaco. Com menos ibope vem em seguida o Juquinha, aluno safado, o japonês, ora tolo ora sagaz, os bichos, as bichas, o Bocage, hoje sem o brilho de algumas décadas atrás e outros menos votados.

A MPB, insuperável em sua versatilidade, não podia perder este filão e pretendo mostrar aqui como o compositor popular com sua criatividade transportou as anedotas para o cancionero.

Em 1929 Almirante compôs um cateretê chamado “Anedotas” com uma historinha bem infantil:

*Um peixe que eu pesquei lá numa pescaria
Botei no galinheiro, ele acostumou
Ficou habituado que milho comia
Até junto com o galo que não estranhou.
E até pelo costume tinha liberdade,
E muita vez na mão foi que se alimentou.
Um dia (que eu maldigo) eu tive piedade
De ter tirado o peixe de onde se criou.
Levei-o para praia e fui jogar no mar,
Mas ele, ao que parece, disso não gostou,
Porque estando esquecido de saber nadar,
Coitadinho do peixe, n'água se afogou...*

Fraquinha, hem. E vamos ao lusitano. Gariba na sua composição “Piada Boa” já dizia:

*Já foi dito mais de uma vez
Piada pra ser boa
Tem que ser de português.*

Concorda com ele o genial Wilson batista que em parceria com Roberto Martins lançou em 1946 a marcha “Não sou Manoel”, muito bem feita, narrando o telefonema recebido pelo luso, de Niterói, informando que sua mulher o traía:

*O telefone tocou pro Manoel
E o Manoel saiu armado
E foi pra Niterói
Mas na viagem ele refletiu
Na consciência nada me dói
Não sou Manoel, não sou casado
Eu sou é Joaquim
O que é que eu vou fazer em Niterói.*

O fecho é sensacional:

*Mas Joaquim
Que é a favor da economia
Aproveitou esse boato
Fez a barba e deu uma voltinha,
Pois lá em Niterói
É tudo mais barato*

Lembram a do fanhoso na farmácia que queria comprar um nhem-nhem-nhem? Ninguém entendia nada e chamaram no armazém da esquina outro de nariz entupido para traduzir. Este ouviu e indagado respondeu: “Qué comprar um nhem-nhem-nhem ora! “Ficou todo mundo na mesma. Na obra de Klecius Caldas e Armando Cavalcanti, “Piada de Salão”, o fanho virou gago mas o resultado foi delicioso:

*É ou não é
Piada de salão
Se acham que não é
Então não conto não
Um sujeito que era gago
Procurou um botequim
Chegou perto do gerente*

*Outro gago bem ruim
E disse assim
Eu estou tô, tô, tô, tô
Aonde é que está tá tá
Mas o outro gaguejou
Chi! Tra, ra, ra, ra, ra.*

“Índio quer apito” de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira é um marco no assunto. Estourou no Carnaval de 1961:

*Ê, ê, ê, ê, ê
Índio quer apito
Se não der
Pau vai comer
Lá no Bananal
Mulher de branco
Levou para índio colar esquisito
Índio viu presente mais bonito
Eu não quer colar
Índio quer apito.*

Com maestria os autores transpuseram a anedota da mulher do sertanista que, assustada com índio que a observava emitiu um som suspeito. Tenho um amigo, pseudo-moralista, que repudiou a música, taxando-a de, lembro-me bem o termo – pornofônica. Talvez achasse que o índio deveria assumir a postura de Metternich que numa recepção no corte austríaca, ao perceber que uma velha dama tinha soltado um traque, cavalheirescamente assumiu o evento dizendo: Estou me sentindo mal, peço licença para me retirar.” Argumentei-lhe ainda que Santo Agostinho escreveu sobre o explosivo assunto, relatando seu conhecimento com um indivíduo capaz de regular a emissão de gases e que o Imperador Cláudio pensou em baixar um edital exigindo que seus comensais, roncassem por baixo e por cima após se banquetarem. Nossos compositores foram mais originais. Por falar em moralista, o papagaio do “Mambo Papagaio” de Arcenio de Carvalho e Edson Menezes não faz jus à fama:

*Meu papagaio não concordou
Com uma anedota
Que alguém lhe contou
Tais anedotas
Não lhe convêm
O meu papagaio
É gente bem .*

O consolo é que o competente Miguel Gustavo resgatou-lhe o prestígio em “Anedota de Papagaio” feita para o Carnaval de 1966. Insinua aquela famosa do “dá ou desce”:

*Curu paco, papaco, cocorocó
Vou contar mais uma
Umazinha só
Essa anedota é mais velha que a vovó
Um papagaio
Num balaio de galinha
Já ia perdendo a linha
Quando a censura chegou
O Costinha foi em cana
E o papagaio não cantou.*

Em 1967 continua em evidência em “Piada do Papagaio” de Vicente Amar e Carvalhinho:

*Chi!... Quase que eu caio
Quando você me contou
Aquela do papagaio
A piada é um estouro... pum!
Quá, quá, quá
Eu queira contar
Mas a censura não vai deixar passar.*

Mais de dez anos depois, o índio se acultura e sem prever o perigo diz na composição de Roberto Valentim e Machadinho:

*Ê, ê, ê, ê, ê
Índio não quer mais apito
Índio agora quer casar.*

Encerramos com duas perenes, a primeira contada por Orlandivo e Paulo Silvino: “Formiguinha”.

*Formiguinha, tive um sonho gozado
Formiguinha, eu estou apaixonado
Me dá, meu amor, me dá
O abraço quente que sonhei
O beijo ardente que eu não dei
Formiguinha, larga a dor no formigueiro*

*Vem ser minha
Num chorinho brasileiro
Me dá meu amor, me dá, me dá você
Você pra mim todinha.*

Formiguinha:

*Elefantinho
Quero ser a sua namorada
Num chorinho
Vou romper a madrugada
Me dá, meu amor, me dá
Esse beijão tão bom
Que vem matar-me de amor por você.*

Elefante:

*Formiguinha
Vem pra dentro dos meus braços*

Formiguinha:

*Advinha se eu seguirei teus passos...
Me dá, meu amor, me dá
Me dá você pra mim todinho.*

E a Segunda chave de ouro por Cabral Imperial e Nonato Buzar, dois porta-vozes (palavra em moda) da pilantragem:

*Só tinha canoa furada
No rio que transbordou
E não podendo passar
A formiguinha chorou
Nisso chega o elefante
E pergunta o que há
Se o problema é travessia
Sobe aqui eu vou pra lá
Formiga carona aceitou*

*E no meio da travessia
Trocaram juras de amor
Ao chegar do outro lado
Aconteceu o grande momento
O elefante pediu a formiguinha
Em casamento.*

INSPIRAÇÃO OU TRANSPIRAÇÃO EIS A QUESTÃO

Muitos são os que erguem a voz:
Porém poucos são os inspirados
(Platão – Phedon – cap. 13)

A existência da inspiração, estro, engenho poético ou qualquer outro nome que se lhe dê, dentro do processo de criação de uma obra artística é, sem dúvida, um assunto passível de interminável discussão. Os crédulos não abrem mão de terem sido impregnados pela aura, enquanto os descrentes encaram com desdém, classificando de pueris tais enlevos. Uma coisa porém é certa, sejam prós ou contras, tem que haver um outro elemento, catalizador imprescindível: o talento. Sem ele não adianta ser inspirado ou diligente, a obra será sempre pífia. Vejam como é polêmico. Manoel Bandeira diz: “Não faço poesia quando quero e sim quando ela, poesia quer.” “Até para se atravessar uma rua precisa inspiração”. João Cabral de Mello Neto já acha que um poema pode ser concebido racionalmente, resultante de uma elaboração mental. Paul Valéry afirmava: “O primeiro verso é ditado pelos deuses”. Stravinsky era enfático: “a inspiração vem do trabalho.” Carlos Drummond de Andrade: “Não sou do tipo que senta e diz: vou criar uma poesia e conseguir.” Para ele todo ato resultava de um impulso e esse impulso era a inspiração. Primeiro a emoção. A Música Popular não é exceção. Nela há compositores famosos que repudiam a inspiração, classificando-a até de babaquice e outros que vivem a decantá-la. Desfilemos opositores e defensores.

Chico Buarque, se analisa: “Sou um bom artesão. Trabalho bem com as palavras. Só que às vezes vem um lampejo, uma idéia luminosa – e esse lance eu não domino. Por esse eu não respondo. Respondo pelo artesanato, tenho consciência do meu potencial.

Mas os momentos mágicos – estes me surpreendem.” Edu Lobo: Têm canções que emperram na metade, parece que não vai sair mais nada e um dia acontecem. Tem outras que são rapidíssimas, dão até a impressão de já terem sido feitas, saem fáceis. Mas essa facilidade ocorre porque você se armazenou de tantas coisas, que a canção acontece inteira de uma vez. Ela não saiu do acaso, tinha que vir. Aí é que entra o negócio da inspiração, que eu acho bacana falar. O brasileiro é vidrado em negócio de inspiração, uma coisa quase que religiosa, realmente mística. O sambista brasileiro aguarda a inspiração no bar, ente uma cerveja e outra, espera que baixe o santo para que a canção venha a surgir. Acho que como proposta essa dependência da inspiração é a coisa mais atrasada e incrível. Você é que procura e cria seu trabalho e a música é o resultado de um trabalho muito grande e muito duro. Dorival Caymmi: “quando o tema se apresenta a ponto de ser uma canção, inesperadamente a canção aparece, sai. Eu só faço nessa condição, por isso sou considerado preguiçoso. Eu não faço criação a não ser espontaneamente, eu não tenho fábrica de canções. Não sei fazer nada sob encomenda”.

Vandré ainda lúcido: “Sou um profissional de comunicação. Posso garantir que se você me pedir uma canção de amor, eu te dou uma canção de amor amanhã, tão boa ou melhor que todas que fiz.” Caetano: “inspiração quer dizer: estar cuidadosamente entregue ao projeto de uma música posta contra aqueles que falam em termos de década e esquecem o minuto e o milênio”. Tom Jobim: Tem aquele que diz: música é um produto de 5% de inspiração e 95% de transpiração. É verdade.” (1) Sem tomar partido passo a contar

histórias de músicas de nosso cancionero que, segundo seus criadores, nasceram no momento em que foram atingidos pelo corisco mágico, fora dos computadores e das pipetas. Noel Rosa é sem dúvida alguma o mais lendário de nossos compositores. Torna-se difícil nos dias de hoje separar o homem do mito. Seus contemporâneos afirmam que era um privilegiado quanto à criação pois a sua relampejava em cima do fato, “*a clef*”. Vamos mostrar alguns dos seus estalos. “Prazer em conhecê-lo” surgiu quando foi esnobado, numa festa, por uma antiga namorada, que lá se achava com o noivo.

Em determinado momento ficaram frente a frente e ela fingiu não conhecê-lo, cumprimentando-o de maneira formal:

*Quantas vezes sorrimos sem vontade
E escondemos um rancor no coração
Por um simples dever de sociedade
No momento de uma apresentação
Se eu soubesse que em tal festa te encontrava
Não iria desmanchar o teu prazer
Porque se lá não fosse, eu não lembrava
Um passado que tanto nos fez sofrer
Ainda lembro que ficamos de repente
Frente a frente
Naquele instante, mais frios do que gelo
Mas sorrindo apertaste minha mão
Dizendo então:
“Tenho muito prazer em conhecê-lo.”*

Noel retirou-se da recepção, foi para o Café Ponto Chic e lançou na hora a composição no papel de embrulho. O clássico carnavalesco “Até Amanhã” nasceu no retorno de viagem ao Sul. O próprio Noel conta: “Quando eu deixei o Sul, deixava uma mulher e levava saudades da ternura dessa mulher. Fui para um canto do navio, pedi uma bebida, acendi um cigarro e o resto não foi preciso esperar muito. O samba nasceu espontaneamente.”

*Até amanhã se Deus quiser
Se não chover
Eu volto pra te ver
Ó mulher.*

Sobre inspiração ele dizia: “Eu só faço samba quando estou inspirado. Não procuro forçar mesmo porque não adianta. Quando a bossa falta nem um homem com poderes divinos poderia fazer um samba”. Prestem atenção na letra de “Naquele Tempo” também nominado de “Pra Esquecer”. Como narrativa é perfeita. Tem duas versões. Uma de Noel, quem sabe para alimentar o mito (era muito inteligente, capitalizava isso) onde diz que a música foi inspirada em um amigo que estava com a cabeça virada por uma mulher.

Largou a família, montou-lhe casa e acabou abandonado. O compositor viu-o uma noite dançando com a ingrata fazendo a última tentativa de reconciliação. Já Almirante afirma que o mesmo foi composto para Julinha, um dos seus grandes amores:

*Naquele tempo
Em que você era pobre
Eu vivia como nobre
A gastar meu vil metal
E por minha vontade
Você foi para a cidade
Esquecendo a solidão
E a miséria daquele barracão
Tudo passou tão depressa
Fiquei sem nada de meu
E esquecendo a promessa
Você me esqueceu
E partiu com o primeiro que apareceu
Não querendo ser pobre como eu
E hoje em dia
Quando por mim você passa
Bebo mais uma cachça
Com meu último tostão
Pra esquecer
A desgraça
Tiro mais uma fumaça
De um cigarro que filei
De um ex-amigo que outrora sustentei.*

Noel ainda tem várias outras obras de quase vidente, mas creio que as citadas são bastante significativas. Grande narrador foi também Lupiscínio Rodrigues, “Quem há de dizer” é, na letra, ele até a última célula. Só que desta vez não foi ele quem sofreu a dor de cotovelo, e sim o seu parceiro Alcides Gonçalves. Ele conta como brotou.

Era pianista de uma boate onde havia uma mulher, Maria Helena. Enquanto tocava, controlava pelo espelho em frente ao piano, o movimento do salão. E dali assistia com infinita tristeza a sua Maria Helena assediada por mil garanhões. Um dia Lupe entrou na boate, olhou para ele e para um canto onde sete ou oito homens disputavam a jovem, ficou debruçado na escada e depois aproximou-se dele e estendeu um papel: “Meu camarada, bota uma musiquinha nesta letra aqui.” Alcides com o coração implodindo musicou na hora:

*Quem há de dizer
Que quem vocês estão vendo
Naquela mesa bebendo
É o meu querido amor
Repare bem que toda vez ela fala
Ilumina mais a sala
Do que a luz do refletor
O cabaré se inflama
Quando ela dança
E com a mesma esperança
Todos lhe põem o olhar*

*E eu o dono
Aqui no meu abandono
Espero louco de sono
O cabaré terminar
Rapaz leva esta mulher contigo
Disse uma vez um amigo
Quando nos viu conversar
Vocês se amam
E o amor deve ser sagrado
O resto deixa de lado
Vai construir o seu lar
Palavra, quase aceitei o conselho
O mundo este grande espelho
me fez pensar assim:
Ela nasceu com o destino da lua
Pra todos que andam na rua
Não vai viver só pra mim. (2)*

Em 1929, Ary Barroso, recém-chegado de Minas tentava sem êxito se enturmar no meio artístico muito fechado daquela época. Ninguém lhe dava a mínima e ele ficava zanzando com um rolinho de músicas debaixo do braço. Certo dia, desanimado com os percalços, vinha caminhando pelo centro do Rio quando ouviu uma zoadá. Era uma briga de mulheres. Uma delas estava sendo hostilizada pela platéia e um garoto botava lenha na fogueira gritando: “Dá nela, dá nela.” Aquilo ficou passeando em sua mente e de repente se viu cantarolando:

*Essa mulher há muito tempo me provoca
Dá nela, dá nela
É mentirosa
Fala mais que pata choca
Dá nela, dá nela.*

A música venceu o concurso carnavalesco daquele ano e consagrou-o. (3). “Brasileirinho”, um dos mais belos choros, nasceu fruto de uma brincadeira. Um menino, primo da esposa de Waldyr Azevedo, pediu-lhe que tocasse alguma coisa num cavaquinho estropiado de apenas uma corda. Para satisfazê-lo começou a tirar a melodia na hora. Algum tempo depois teve que substituir Dilermano Reis que estava com o dedo machucado. Pediram-lhe que tocasse um choro, o que não estava programado. Não teve dúvida em atacar a primeira coisa que lhe veio à cabeça, ou seja, o chorinho de uma corda só. Como só havia feito uma parte, o resto improvisou.

Paulo Soledade não reluta em avalizar a existência da inspiração. Até hoje sente um frêmito quando recorda a maneira como ela o envolveu. Acabara de fazer uma cirurgia melindrosa sem garantia de sucesso. Deixemos que conte: “Quando senti que a operação tinha dado certo, abri a janela, batia um sol lindo. E eu juro que vi: as flores caminhando por uma estrada que dava para o sol e eu que não sou poeta em dez minutos escrevi “Estão voltando as flores”.

*Vê, estão voltando as flores
Vê, esta manhã tão linda
Vê, como é bonita vida
Vê, há esperança ainda.*

As flores de Cartola, as rosas, também surgiram encantadas. D. Zica ganhou umas mudas e plantou-as. Numa manhã, passados alguns dias, ao sair de casa encontrou, maravilhada, as rosas abertas. Gritou Cartola e perguntou-lhe: “Por que neascem tantas rosas assim, Cartola?”

- Não sei Zica, as rosas não falam. A frase aportou em sua cabeça e não saiu mais. Abraçou-se ao violão e o resto veio como um rio, desaguando inteiro pela sala:

*Queixo-me às rosas
Mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti.*

A maloca do Adoniram existiu mesmo. Ficava na Rua Augusta onde hoje é um cinema. Era um hotel abandonado. Passando por lá um dia viu começar a demolição e surgiu a música:

*Si sinhô num tá lembrado
Dá licença de contá
É que aonde agora está
Esse edifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado
Foi aí seu moço
Que eu Matogrosso e o Joca
Construímos a nossa maloca
Mas um dia, nós nem pode se alembrá
Veio os home cas ferramenta
O dono mandô derrubá
Quando o Joca Falou
Peguemos toda nossas coisas
E fumo pru meio da rua
Apreciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada tauba que caía
Doía no coração
Matagrosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os home tá com a razão
Nóis arranja outro lugá
Só se conformemo quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o cobertô
E hoje nós pega paia*

*Nas grama dos jardim
E pra esquecê
Nóis cantemos assim:
Saudosa maloca
Maloca querida
Din-din-donde
Nóis passemos
Dias feliz nossas vidas.*

“Cabeleira do Zezé” primeiro sucesso de João Roberto Kelly, em 1964, até hoje ainda cantado no Carnaval, nasceu na mesa de um botequim em Vila Isabel. Foi inspirada num garçom chamado José que cultivava enormes madeixas. O estribilho saiu na hora e todos no bar começaram a acompanhá-lo:

*Olha a cabeleira do Zezé
Será que ele é?
Será que ele é?*

“Fio Maravilha”, conta Jorge Ben, teve suas primeiras estrofes brotando no Maracanã quando o jogador faz um gol maravilhoso, driblando vários adversários e entrando com bola e tudo, O compositor dizia na época: “Gosto muito do Fio, é um praça cem por cento, um sujeito simples, um amigo de verdade. Se Pelé e Garrincha e tantos outros tiveram canções em suas homenagens, o Fio é tão bom profissional como eles.” Ao fazer esse derramamento fraterno Jorge Ben nunca poderia prever que seria levado à justiça pelo jogador, reivindicando participação na vendagem de discos.

*Foi um gol de anjo
Verdadeiro gol de placa
Que a galera agradecida
Assim cantava
Fio Maravilha, nós gostamos de você
Fio Maravilha,
Faz mais um pra gente ver.*

“Se todos fossem iguais a você” foi a primeira composição da peça “Orfeu do Carnaval” que surgiu da recém formada dupla Tom-Vinícius. Segundo o Poetinha foi uma criação paralela: Enquanto Tom dedilhava o piano, ele escrevia a letra. Tudo espontâneo:

*Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver
Uma canção pelo ar
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar
Como o sol, como a flor, como a luz*

*Amar sem mentir nem sofrer
Existiria a verdade
Verdade que ninguém vê
Se todos fossem no mundo
Iguais a você.*

“Por causa de você”, outra pérola da canção-amor. Nasceu de um flash genial de Dolores Jobim depõe: “ela fez a letra com um lápis de sobancelha, o instrumento que tinha à mão para não perder aquele ótimo momento de inspiração. Isso aconteceu numa sala da Rádio Nacional quando eu dedilhava a melodia para um grupo de colegas. O Vinícius já preparava uma letra e Dolores fez a dela em cima da perna, em cinco minutos. Depois escreveu na margem do papel: “Vinícius, outra letra é covardia”. A do Vinícius estava quase pronta mas ele abriu mão mantendo a feita por Dolores.”

*Ah, você está vendo só
Do jeito que eu fiquei
E que tudo ficou
Uma tristeza tão grande
Nas coisas mais simples
Que você tocou
A nossa casa querida
Já estava acostumada
Guardando você
As flores na janela
Sorriam, cantavam
Por causa de você.*

A letra de “Arrastão”, segundo Vinícius foi feita em cinco minutos

*Eh, tem jangada no mar
Eh, Eh, Eh, hoje tem arrastão
Eh, todo mundo pescar
Chega de sombra, João.*

“Edu tocou a música, ele tinha só uma idéia que era uma coisa do mar, que eu também senti.”

*Dia de luz
Festa de sol
E um barquinho a deslizar
No macio azul do mar
Tudo é verão
Amor se faz
Num barquinho pelo mar
Que desliza sem parar
Sem intenção, nossa canção
Vai saindo desse mar.*

1961. Maysa. Sucesso estrondoso bossanovista. Ronaldo Bôscoli nos relata: “Já tive inspiração de letras em diversos lugares, diversas situações: tomando banho, meditando ou emocionado por um fato, como foi o caso do barquinho. Menescal e eu pescávamos muito em Cabo Frio. Um dia quando voltamos do mar sentamos numa varanda e escrevemos “O Barquinho” de ponta a ponta: ele criou a melodia, e a letra saiu inteira.”

Recuemos no tempo. “Periquitinho Verde” de Nássara e Sá Roriz fez grande sucesso no carnaval de 1938. Dircinha Batista foi ao estúdio gravar certa música e o insólito é que na hora é que foram ver que não havia com que preencher o outro lado do disco. Nássara que por acaso estava por lá lembrou-se do “Periquitinho” que só tinha uma parte pronta. Fez a Segunda ali mesmo. Resultado, a música já acertada não teve nenhuma repercussão e o “Periquitinho Verde” foi um estouro:

*Meu periquitinho verde
Tire a sorte, por favor
Eu quero resolver
Este caso de amor
Pois se eu não caso
Nesse caso vou morrer
O que eu não quero
É depois de me casar
Ouvir a filharada
Noite e dia a me amolar
Pois juro que não tenho paciência
De aturar
“Mamãe eu quero mamar”.*

Braguinha um dos mais ecléticos compositores, é do time a favor: “Nunca fiz força para fazer música. Todas saíram tão naturalmente que nem senti e quem sabe é esse o segredo do sucesso. “Certa vez ele mais Lamertine Babo e Alberto Ribeiro saíram quebrados do Cassino da Urca. Um trio tão respeitável não se apertou e começaram ali mesmo, para espantar a decepção, a compor “Cantoras do Rádio” que Carmem Miranda cantou com a irmã Aurora e mais recentemente Gal com Betânia. Vale a pena recordar a letra, muito bem feita:

*Nós somos as cantoras do rádio
Levamos a vida a cantar
De noite embalamos teus sonhos
De manhã nós vamos te acordar
Nós somos as cantoras do rádio
Nossas canções cruzando o espaço azul
Vão reunindo num grande abraço
Corações de norte a sul
Canto pelos espaços afora
Vou semeando cantigas*

*Dando alegrias a quem chora
Canto, pois sei que a minha canção
Vai dissipar a tristeza
Que mora no seu coração.*

Esqueci de dizer que estavam dentro de um lotação e que o motorista embevecido não cobrou a corrida. Pedro Caetano pelos idos de 1946 passava pelo morro de Mangueira e ficou ensimesmado com o silêncio, nenhum sinal de batucada. No caminho para Vila Isabel onde morava foi bolando um samba:

*Mangueira, onde é que estão os tamborins
Ó nega
Viver somente do cartaz
Não chega
Põe as pastoras na avenida,
Mangueira querida.*

A música caiu no gosto popular mas não na dos diretores da Escola que torceram o nariz, reclamando que a música veiculava uma imagem negativa. Pedro Caetano para aliviar os pruridos fez o samba desagravo “Mangueiras em férias”:

*Quem foi que disse
Que eu não brinco mais
E procurou roubar o meu cartaz
Fala Diretoria da Mangueira
Toda profissão tem férias
Não é segredo pra ninguém
Sabe o que acontecia em Mangueira
Os sambistas estavam de férias também.*

“Tico-tico no fubá” é uma das músicas brasileiras mais difundidas no mundo. Zequinha de Abreu criou-a durante um baile na sua cidade natal, Santa Rita do Passa Quatro. Quando começou a improvisar o chorinho ao piano todos saíram para o salão, balançando com o ritmo buliçoso. O compositor não conseguiu conter uma exclamação de alegria: “Vejam, essa gente até parece tico-tico no farelo.” De madrugada ao chegar em casa correu para o piano e passou a improvisação para a pauta com o título de “Tico-tico no farelo”. Só mais tarde ao compor a terceira parte é que deu o batismo consagrador: “Tico-tico no fubá”.

“Quem sabe”, de Joel de Almeida e Carvalhinho foi um estouro no carnaval de 1956. Eis sua história: Joel havia gravado para aquele ano, pela Odeon, a marcha “Camisolão” na qual não fazia fé: “quando vi a prova não gostei, não tinha balanço, não ia acontecer”. Essa conclusão o colocava desolado naquela mesa de bar na Cinelândia. Aproxima-se o compositor Carlos Morais e indaga qual a bomba que tinha para os festejos. Joel para não dar o braço a torcer, fingiu concentração para ganhar tempo, mandou que ele sentasse e de repente veio-lhe à mente um jingle de Miguel Gustavo para a Toddy: “Quem sabe, sabe/ conhece bem/ por isso Toddy/ prova o que tem.” Batucou na mesa modificando a letra:

*Quem sabe, sabe
Conhece bem
Como é gostoso
Gostar de alguém*

A Segunda parte saiu de sopetão para sua própria surpresa:

*Ai, morena
Deixa que gostar de você
Boêmio sabe beber
Boêmio também tem querer*

Carvalhinho entrou na parceria apenas para divulgar a música, pois Joel pensou em Pedro Caetano, mas ficou tão eufórico com a inspiração salvadora que encheu a cara e não conseguiu encontrar a sua casa. Ary Barroso andou reivindicando que teria tido participação na feitura, depois do sucesso, mas não colou.

“Esmagando Rosas”, a bela composição de Alcyr Pires Vermelho e David Nasser nasceu de um desafio de Francisco Alves e Alcyr, de que não conseguiria fazer uma música na hora. “Ele estava precisando de um sucesso, se sentindo por baixo. David ficou queimado com ele por duvidar de mim. Sentamos e criamos. Ele gravou, a gravação não ficou bem feita mas fez muito sucesso”.

*Tu tens
No sol dos teus cabelos
A luz do velho sol nascente
Vem brincar, no azul do teu olhar
O azul verde do mar
O fascínio dos teus lábios lembram
A cor do sol lá no poente
E tens também
No seu porte divino
Toda nobreza romana
Mas se tu passas por mim
Cheia de orgulho e de graça
Seus pés no chão
Parecem rosas pisar.*

Alcyr, logo que chegou ao Rio foi levado à casa de Lamartine Babo, já famoso. Lá lá estava jantando e pediu que esperasse um pouco. Na sala, sobre o piano havia uma letra. Enquanto esperava começou a improvisar uma melodia. Lamartine veio correndo e ficou a escutá-lo. Medrou naquele momento “Alma dos Violinos”.

“Taí, que projetou Carmem Miranda, tem sua história. Joubert de Carvalho em fins de 1929 ia passando por uma casa de música quando o gerente, seu conhecido, chamou-o: “venha ouvir o disco de uma cantora nova.” Joubert achou a cantora interessante, tinha “presença” no disco e manifestou desejo de compor algo para ela. Eis que o gerente exclama: “Taí ela chegando”. Depois de conversar um pouco com Carmem já saiu com a

composição na cabeça. No dia seguinte em sua casa começou a ensiná-lo e ao abordar um trecho explicando como gostaria que fosse a interpretação, ela interrompeu-o com muita graça: “Não precisa me ensinar nada não, que na hora da bossa, eu entro com a boçalidade.” O leitor recorde:

*Taí
Eu fiz tudo
Pra você gostar de mim
Ai, meu bem
Não faz assim comigo não
Você tem, você tem
Que me dar seu coração.*

“Maringá”, do mesmo autor tem um enredo curioso. Surgiu de uma cavação de emprego. O mineiro Joubert em 1931 foi procurar o Ministro da Viação, José Américo de Almeida, para pleitear uma vaga de médico. O oficial de Gabinete era Rui Carneiro, futuro senador, que sugeriu que fizesse uma composição sobre a seca. Joubert perguntou onde José Américo havia nascido. Era em Areias, palavra que achou sem vibração. “E você Rui, onde nasceu?” Eu nasci em Pombal” “Ah, Pombal dá uma boa rima”.

E chofre fez trecho da canção:

*Antigamente uma alegria sem igual
Dominava aquela gente
Da cidade de Pombal
Mas veio a seca
Toda a chuva foi-se embora
Só restando então a água
Dos meus óio quando chora.*

Como precisasse de outro nome de cidade perguntou a Rui onde a seca tinha sido mais impiedosa. Rui citou vários lugares, entre eles Ingá. Assim surgiu primeiramente Maria do Ingá e depois Maringá. Correu nos meios musicais que a letra era de Olegário Mariano mas David Nasser desmente. No entanto, Orlando Tejo, autor do delicioso “Zé Limeira, o Poeta do Absurdo”, garante que Rui Carneiro teve participação na letra e que todo mundo cantou a canção no seu enterro.

A conclusão sobre o título deste artigo deixo por conta dos leitores. Eu vou encerrando a minha parte transcrevendo a letra do samba “Poder da Criação”, de João Nogueira e Paulo Sergio Pinheiro. O leitor é que faça a escolha entre a sudorese e o encantamento:

*Não, ninguém faz samba só porque prefere
Força nenhuma do mundo interfere
Sobre o poder da criação!
Não, não precisa se estar nem feliz
Nem aflito*

*Nem se refugiar no lugar mais bonito
Em busca da inspiração.
Não, ela é uma luz que chega de repente
Com a rapidez de uma estrela cadente,
Que acende a mente e o coração!
É, faz pensar
Que existe uma força maior que nos guia
Que está no ar,
Vem no meio da noite ou no claro do dia,
Chega a nos angustiar
E o poeta se deixa levar por essa magia
E um verso vem vindo, e vem vindo melodia
E o povo começa a cantar...*

NOTAS

- (1) Na verdade a frase foi cunhada pelo gênio-monopolista americano Thomas Edison e dizia: “O gênio é de 1% de inspiração e 99% de suor.”
- (2) O interessante é que Francisco Alves foi procurado por Alcides no Rio, que o encontrou rodeado de mulheres e foi esnobado. A música começou a desapontar contada por outros e Chico então teve quase que implorar para gravá-la, pois o compositor cozinhou-o em banho-maria por meses antes de permitir a gravação.
- (3) David Nasser fala sobre seu talento: “O Ary fazia música por inspiração. Não fabricava. Tinha a febre santa. Onde a inspiração baixasse, sacava de uma pauta musical e numa espécie de taquigrafia gravava no papel a melodia. Depois chegava em casa e ia direto ao piano.”
- (4) A versão transcrita foi dada por um dos biógrafos de Adoniran. A do próprio compositor, bem menos prosaica é a seguinte: “O meu parceiro para compor ‘Saudosa Maloca’ foi meu cachorrinho. Toda manhã saio para passear com ele à procura de um poste amigo. O cachorro gostava de uma casa, que ia ser demolida e onde moravam marginais famosos, como Matogrosso, Joca, Corinthiano. Eles verdadeiramente existiram e já morreram. Ali tive a minha inspiração.”

PARCERIA & CONFRARIA

Qualquer pessoa medianamente informada sobre MPB já ouviu falar da existência de um mercado musical, onde obras são compradas e vendidas, muitas vezes ostensivamente, como Francisco Alves que teve a sofisticação de montar uma central de produções para fornecer-lhe músicas, outras vezes a operação é regida por um código de honra e nunca se conhecerá os verdadeiros autores. Mas este é um assunto que já foi exaustivamente dissecado pelos estudiosos do nosso cancioneiro. O que escrevo aqui abordará um fato pouco divulgado: o dos compositores que receberam ou cederam uma parceria com consenso das partes, sem que o dinheiro tenha prevalecido nos acordos. As histórias são muitas ainda que pouco divulgadas. Começemos pela “A Praça”, marcha saudosista de Carlos Imperial que apareceu muito em 1967, onde o parceiro fantasma causou problemas:

A mesma praça, o mesmo banco
As mesmas flores, o mesmo jardim
Tudo é igual, mas estou triste
Porque não tenho você perto de mim.

O autor, extremamente inteligente, Rei da Pilantragem, capaz de vender cavalo a cigano. Vocês devem se lembrar que ele tirou Luiz Gonzaga do ostracismo quando espalhou o boato de que os Beatles iriam gravar “Asa Branca”. Foi um rebuliço e o esquecido Lua voltou às manchetes. Foi ele também que deu o empurrão inicial em Roberto, Erasmo, Simonal e outros. Pegou o “Meu Limão, meu Limoeiro” que andava por aí e registrou-o em seu nome. Pois bem, voltemos à “A Praça”. Imperial bolou um merchandising quase perfeito para promover a música. Eu disse quase. Contratou um crioulinho mineiro para botar a boca no mundo se dizendo parceiro na música e que havia sido omitido.

No princípio tudo bem, a celeuma capitalizou sucesso para a composição, mas com o passar do tempo o “co-autor” se imbuíu de que era realmente o criador da obra e Carlos passou maus pedaços até conseguir se livrar do chato, que o acompanhou por toda parte.

Uma ação entre amigos que também não deu certo envolveu dois festejados compositores pernambucanos: Fernando Lobo (Chuvas de Verão, Nega Maluca, Zum-Zum) e Antônio Maria (Canção da Volta, Valsa de Uma Cidade, Ninguém me ama). Ambos jornalistas andaram se alfinetando através das respectivas colunas, querela desencadeada pelo sucesso de “Ninguém me Ama”. Tinham feito um trato de que cada um cederia a parceria ao outro em determinada música. Fernando aterrissou como gracioso em “Ninguém me Ama” e Antônio entrou na composição “Preconceito” de Fernando.

Acontece que “Preconceito” nem deu sinal de vida enquanto “Ninguém me Ama” estourou. Aí Antonio Maria deslumbrado pelo êxito, dedurou que o companheiro não tinha tido participação alguma na feitura da canção. Então foi zarabatana para lá e para cá. Lobo declarou irônico: “Eu coloquei as vírgulas nos versos. Sou portanto o autor das vírgulas, mas isso só fica bem, dito por mim.” Maria contra atacava: “A arrumadeira do hotel está indignada com Fernando Lobo. Todos os dias muda a roupa de cama e à noite Fernando deita a cabeça e suja tudo. “Fernando: “Não estou rompido com Antonio Maria não. Apenas ele é muito gordo, tem muita banha. Afastei-me neste verão, por causa do calor...” Eis o pomo da discórdia:

Ninguém me ama, ninguém me quer
Ninguém me chama de meu amor
A vida passa e eu sem ninguém
E quem me abraça não me quer bem

Vim pela noite tão longa
De fracasso em fracasso
E hoje distante de tudo
Me resta o cansaço
Cansaço da vida, cansaço de mim
Velhice chegando
E eu chegando ao fim.

Lupiscínio Rodrigues foi extremamente pródigo em distribuir parcerias, mas uma se destacou: Felisberto Martins, diretor da gravadora Odeon nos anos 30. Nunca escreveu uma nota sequer para as composições de Lupe, mas seu nome, surge assinando sucessos como “Braza” e “Se acaso você chegasse”. No caso desta última, Lupiscínio foi vivo, pois morando no Rio Grande do Sul seria muito difícil se projetar no Rio sem um empurrãozinho, ainda mais por volta de 1938. Nada melhor que um parceiro, alto funcionário de uma gravadora, mesmo fictício. Só se conheceram dois anos depois do lançamento do disco. De qualquer maneira esse arreglo nos proporcionou a oportunidade de conhecermos um samba notável:

Se acaso você chegasse
No meu chatô e encontrasse
Aquela mulher que você deixou
Será que tinha coragem
De trocar nossa amizade
Por ela que já lhe abandonou
Eu falo por que essa dona

*Já mora no meu barraco
À beira de um regato e um bosque em flor
De dia me lava roupa
De noite me beija a boca
E assim nós vamos vivendo de amor.*

O famoso samba de breque “Acertei no Milhar” é assinado por uma dupla respeitável: Wilson Batista e Geraldo Pereira:

*Etelvina (minha nega), acertei no milhar
Ganhei 500 contos, não vou mais trabalhar
Você dê toda roupa aos pobres
E a mobília podemos quebrar
Etelvina, você vai ter outra lua de mel
Você vai ser madame, vai morar num grande Hotel
Eu vou comprar um nome não sei onde
Vou ser Barão Moreira de Visconde
Um professor de francês, mon amour
Eu vou mudar seu nome pra Madame Pompadour.*

*Até que enfim agora eu sou feliz
Vou percorrer a Europa toda até Paris
E os nossos filhos, oh que inferno
Eu vou pô-los num colégio interno
Me telefone pro Mané do armazém
Por que eu não quero ficar devendo nada a ninguém
Eu vou comprar um avião azul
Pra percorrer a América do Sul
Mas de repente, mas de repente
Etelvina me chamou “Está na hora do batente”
Mas de repente, mas de repente
Etelvina me acordou
Foi um sonho minha gente...*

Como no fato anterior os autores nem se conheciam. Moreira da Silva foi quem os apresentou e convenceu Wilson, o verdadeiro criador a incorporar Geraldo como parceiro. Moringueira conta: “Em 1940, em São Paulo, o Wilson me mostrou o samba e eu gostei. Marquei para gravar mas falei com ele pra botar o Geraldo Pereira na parceria. Ele estava entrando no meio e era bom de “trabalhar” música. Apresentei o Geraldo ao Wilson na

volta ao Rio e ficou tudo azul com bolinha cor-de-rosa. O Wilson era de fazer música mas sair para “buscar o ouro não era com ele”. Como “trabalhador” Geraldo entrou na parceria de “Olha a cara dela”, também de 1940, feita por Moreira da Silva. Um samba morno que nem estivador seria capaz de fazer brilhar.

*Olha a cara dela mamãe
Olha a cara dela papai
Essa mulher de babador e de touca
É uma coisa louca, é uma coisa louca
Sai daqui feiona, não te quero ouvir
Esta tua cara
Teu nariz de arara
É que me faz fugir*

Em outra ocasião Geraldo retribuiu. Moreira voltou de Salvador em 1942, passou suas impressões para diversos compositores e ficou esperando o “feedback”. Moreira comenta: “O crioulo era bom de chinfra e, não demorou, me deu o samba pronto, que eu gravei com meu nome e o dele. O samba é dele e as dicas são minhas. Nós somos parceiros. Ou não é?”

*Vi tudo que encontrei por lá
Tive convites para bons almoços
Comi efó e também comi vatapá
Acarajé, xinxin apimentado
Boas peixadas com arroz e caruru
E ainda sinto sabor nos lábios
Do jenipapo, da canjica e do angú.*

Aliás Moreira não se constrange em reconhecer: “Já dei parceria em vários sambas para o cara que fez meus chapéus. Não pago mas com mais de uma música registrada por ano ele vai fazendo o nome e daqui a pouco se aposenta com uma pensão do INPS”.

Dorival Caymmi teve sua incursão urbana quando fez sambas-canções como “Lembrança do Passado”, “Nesta rua Tão deserta”, Tão só”, “Valerá a pena”, “Sábado em Copacabana”, “Não tem solução”, as duas últimas de relativo sucesso. O que causou surpresa aos que acompanham a carreira do notável baiano, foi que em todas elas constava como parceiro o colunável Carlinhos Guinle, naquela época representante da Rolls-Royce no Brasil. Segundo Lucio Rangel as más línguas destilaram a informação que Caymmi entrara com a letra e a música e Carlinhos com o uísque. Uma parceria bem regada como se vê.

Outras vezes o compadrismo nasce à revelia de um dos autores mas como a música emplaca tudo se resolve sem amuos. Foi o que se deu como nelo samba “Louco”, de Henrique de Almeida e Wilson Batista. Henrique havia feito um estribilho que agradara muito ao cantar para os amigos:

*Louco, pelas ruas ele andava
E o coitado chorava
Transformou-se até num vagabundo
Louco, para ele a vida não valia nada
Para ele a mulher amada
Era, seu mundo.*

Ninguém sabe como chegou ao conhecimento de Wilson a primeira parte do samba. Ele fez a Segunda e Henrique só ficou sabendo quando Aracy de Almeida o procurou para comunicar que ia gravar o samba já completo e cantou para ele. Henrique confirmou o fato ao autor, completando: “Como Wilson era meu amigo, resolvi deixar pra lá”. Eis o implante de Wilson:

*Conselhos eu lhe dei
Pra ele esquecer
Aquele falso amor
Ele se convenceu
Que ela nunca mereceu
Nem reparou
Sua grande dor
Que louco.*

Agora uma cessão duvidosa. No carnaval de 1936 Almirante fez sucesso com o samba de Mano Décio da Viola e Ernani Silva, “Vem meu Amor”, cuja inspiração surgiu após Mano Décio ter visto um filme que tinha como tema a Valsa dos Patinadores. A melodia saiu parecida:

*Vem meu amor
Vem me consolar
És a primeira mulher
Que não sabe amar.*

Rachel e Suetônio Valença contam em “Serra, Serrinha, Serrano, o Império de Samba” que Mano Décio deu parceria a Bide do Estácio e a Braguinha. Quer dizer, pelos excelentes pesquisadores foi uma doação. Só que Mano Décio tem outra versão: “Vendi o samba ao Bide por 50 mil réis e só recebi 30. A música foi gravada em 1936 por Almirante, no nome de João de Barro”. O engraçado é que no disco consta a seguinte

autoria: João de Barro, Alcebíades Barcelos (Bide) e Delson Carlos. Do nome dos verdadeiros autores nem sombra.

O Império Serrano em 1948 desfilou com o samba “Antonio Castro Alves”:

*Salve Antonio Castro Alves
O grande poeta do Brasil
Que o nosso povo jamais esqueceu
Sua poesia de encantos mil
Deixou histórias lindas
Seu nome na glória vive ainda
Salve este vulto varonil
Amado poeta do nosso Brasil
Foi a Bahia que nos deu
As suas poesias o mundo jamais esqueceu*

Autores: Comprido, Molequinho e Mano Décio. É o que consta nos anais do samba. Mas quem pôs a mão na massa mesmo foi o Comprido. Molequinho justifica; “antes da escolha do enredo eu, o Fuleiro e o Aniceto e os outros mais, fizemos vários sambas para ver qual era o melhor. Mas aí lembramos que havia um samba do Comprido com o tema Castro Alves que levantava o terreiro e resolvemos botar esse samba mesmo. O samba era só do Comprido, mas como eu era o mentor de tudo a maneira mais fácil era ele me dar a parceria. Ele me deu de mão beijada e hoje o samba é gravado com o meu nome, o dele, e de Mano Décio, que teve oportunidade de apanhar carona.” Gostei foi da justificativa: “era mentor de tudo”.

Numa antologia de samba-enredo não pode faltar o “Exaltação a Tiradentes” de mano Décio, Penteadado e Estanislau Silva:

*Joaquim José da Silva Xavier
Morreu a 21 de abril
Pela independência do Brasil
Foi traído e não traiu jamais
A inconfidência de Minas Gerais
Joaquim José da Silva Xavier
Era o nome de Tiradentes
Foi sacrificado
Pela nossa liberdade
Esse grande herói
Para sempre há de ser lembrado.*

O samba teve um paraquedista, o Estanislau Silva, que não colocou nem uma vírgula nem uma nota, apenas entrou para promover, pois tinha penetração nas editoras e gravadoras, já que era conhecido, tendo alcançado grande êxito no carnaval de 1941 com o samba “O Trem Atrasou”. Foi um presentão.

Marques Porto foi um revistógrafo famoso na década de 20-30 e que volta e meia aparece assinando músicas que faziam parte das revistas que produzira. Ary Barroso em início de carreira andou lhe cedendo parcerias. A música mais famosa em que se intrujou é “Chuá-Chuá”, em que aparece como co-autor junto com Ary Pavão e Pedro Sá Pereira. Lembram?

*E a fonte a cantar chuá, chuá
E a água a corrê: chuê, chuê
Parece que alguém
Que cheio de mágoas
Deixasse (quem há de dizer?)
A saudade
No meio das águas rolando também*

Paulo Pimenta de Mello observa muito bem em seu imprescindível livro “Modinhas & Serestas, Valsas e Canções”: “O revistógrafo Marques Porto abusava da amizade dos colaboradores de suas produções teatrais para incluir-se na autoria das peças que estes compunha. Chegou a figurar como co-autor de “Linda Flor” que todo mundo sabe ser obra exclusiva de Henrique Vogeler e Luis Peixoto”.

“Mamãe eu Quero” de Jararaca e Vicente Paiva é, sem dúvida o nosso mais eterno sucesso carnavalesco desde 1937. Sua origem é controvertida pelo próprio Jararaca, que em 1977 declarava a Tárík de Souza que se inspirou num caco que colocou no final de uma peça chamada “Meu pai é meu filho.” O personagem Zé Bambo dizia confuso: “Não sei mais se o pai do meu filho é meu pai. O que fazer? E veio o improviso: “O jeito é você se abraçar com seu pai e dizer: “Mamãe eu quero mamar!” Já em outra entrevista ao Pasquim diz que se baseou em si mesmo “por que fui um menino mais mamão que apareceu.” Sua esposa aumenta a confusão esclarecendo que Jararaca dizia ter se inspirado no filho do casal Luiz Geminiano. O filho confirma que desde pequeno ouvia a versão. Bem, um pouco de mistério nunca fez mal a ninguém. Continuação do Pasquim. Indagado quem era o autor declarou: “O autor? Não está nos jornais que sou eu? O Vicente eu convidei para ser o meu sócio. Fiz a idéia musical sozinho”. A composição foi criada em dezembro de 1936 e ninguém se interessou em gravá-la. Luiz Barbosa, o grande sambista torceu o nariz. Silvio Caldas também não fez fé. Jararaca resolveu enfrentar a parada mas esbarrou na sua própria gravadora, que não queria esvaziar sua imagem de caipira. O empurrão veio de seu amigo

Vicente Paiva, diretor artístico da empresa, que bancou o disco, contrariando a cúpula. Lançado sem maiores pretensões, acabou com mais de vinte gravações no exterior. O empenho de Vicente foi recompensado recebendo a parceria de bandeja.

A empolgação levou o revistógrafo Freire Jr. à cadeia, apesar de seu nome não constar de uma crítica política musicada que fez muito sucesso em 1922. A música espicaçava o candidato mineiro à Presidência, Arthur Bernardes, apelidado de Seu Mé e Rolinha, que a disputava com o fluminense Nilo Peçanha. Freire Jr. criou a letra que ferroava e Careca a melodia. Mas Freire, cauteloso, cedeu os versos a Careca, que escabreado, lançou a música com o pseudônimo de “Canalha das Ruas”, prevendo que poderia dar confusão:

*Ai Seu Mé, Ai Seu Mé
Lá no Palácio das Águas, olé
Não há de por o pé
O Zé Povo quer a goiabada campista
Rolinha desiste, abaixe essa crista
Embora se faça um bernarndo a cacête
Não vais ao Catete, não vais ao Catete
Seu queijo de Minas está bichado, seu Zé
Não sei por que é, não sei por que é
Prefiro bastante apimentado, Tatá
O bom vatapá, o bom vatapá.*

O vatapá fazia referência ao vice de Peçanha que era baiano. Resultado: a composição caiu na boca do povo, mas Bernardes ganhou a eleição e ficou à espreita do “Canalha”. Como já falei, Freire não assumiria sua parte na obra, porém a vaidade falou mais alto e diante do êxito da marcha deu uma entrevista a um jornal identificando-se como autor dos versos. E o Rolinha mandou engaiolá-lo. Seu Arthur não era fácil, que o diga Sinhô, que teve que ficar escondido por uns tempos por alfinetá-lo num de seus sambas.

A música sertaneja tem entre os seus clássicos o trágico “Chico Mineiro” de Tônico e Francisco Ribeiro. Tônico desde criança ouvia seu pai contar a lenda do Chico Mineiro. Por volta de 1944, no início de sua carreira, fez uma apresentação na Rádio Tupi e ao sair o porteiro que havia ouvido o programa perguntou-lhe se conhecia a história do Chico Mineiro, o que o espantou. Voltando-lhe à lembrança dos casos contados pelo pai e aproveitando a dica foi para casa e surgiu a canção que até hoje provoca emoção em suas apresentações, principalmente o trecho final:

*O Chico foi baleado
Por um homem desconhecido
Larguei de comprar boiada
Mataram o meu companheiro
Acabou-se o som da viola
Acabou-se o Chico Mineiro
Depois daquela tragédia
Fiquei mais aborrecido
Não sabia da nossa amizade
Por que nós dois era unido
Quando vi seus documento
Cortou meu coração
Vim saber que o Chico Mineiro
Era meu legítimo irmão.*

Foi a primeira gravação da dupla Tônico e Tinoco e os lançou para o alto. Pois bem, o Francisco Ribeiro é nada mais nada menos que o porteiro que o fez recordar a lenda e a quem, grato, Tônico deu a parceria.

A falta de memória cultural do brasileiro é lamentável. Enquanto nos outros países o artista veterano é tratado com a maior dignidade aqui é completamente relegado. Nos Estados Unidos Bing Crosby, Tony Bennett, Frank Sinatra, Sammy Davis Jr. Ray Charles, Louis Armstrong, Nat King Cole, na França Chavalier e Aznavour, no México Pedro Vargas e inúmeros outros podem ser citados como exemplo de prestígio perene. Aqui o ostracismo. Há dois anos fui assistir a um show de Silvío Caldas com 30 pessoas na platéia. Caso revoltante é o do gênio Pixinguinha, que não teve escolha, sendo obrigado a ceder parceria a Benedito Lacerda em vários choros famosos como: “Ingênuo”, “1 x 0”, “Sofres por que Queres”, “Proezas do Solon” que gravaram em dupla. Canhoto depõe a respeito: “A idéia de formar a dupla foi do Benedito Lacerda, por que o Pixinguinha já estava esquecido, ninguém mais falava nele. As músicas eram só do Pixinguinha. E o Benedito combinou tudo com ele: fazia o disco mas entrava nas parcerias. Muitas pessoas meteram o pau no Benedito, mas não tinham razão, ele foi franco. Eles iam tomar a casa do Pixinguinha. Aí o Benedito foi no Vitale, o editor, e arranjou o dinheiro para pagar a hipoteca da casa. “Eu discordo do notável violonista. Sinceramente não acredito no despreendimento do Benedito, mas sim no desespero do Pixinguinha...”

Mas existem aqueles não tão “francos”, que participam realmente de uma parceria que não cogitam da inclusão de seu nome. Noel Rosa fez a Segunda parte do samba “Diz qual foi o mal que fiz” junto com Cartola e que Chico Alves gravou. Abriu mão da sua participação: “Deixa pra lá, o samba é do Cartola.” Roberto Martins deu sua contribuição a

“Aurora” e “nós queremos uma valsa” e também não quis que seu nome constasse. Orestes Barbosa é outro exemplo. Certa vez Café Nice, reduto de compositores, mostrou a Ary Barroso os seguintes versos:

*Quem quebrou meu violão
De estimação
Foi ela
Quem fez do meu coração
Seu barracão
Foi ela*

Ary gostou muito e se propôs a musicar e Orestes se comprometeu a terminar a letra. Reencontraram-se no dia seguinte e Ary trouxe a música pronta, tendo feito inclusive o restante da letra. Orestes sem revelar nada, guardou seus versos por mais que Ary insistisse não aceitou entrar na parceria. Foi grande sucesso de Francisco Alves, no carnaval de 1935. Paulo Roberto, além de médico foi produtor de vários programas famosos do rádio brasileiro como: “Obrigado Doutor” e “Nada Além de Dois Minutos”. Um dos grandes êxitos do carnaval de 1934, “Se a Lua contasse”, gravada por Aurora Miranda e João Petra de Barros, consta na história da MPB como sendo de autoria exclusiva de Custódio Mesquita:

*Se a lua contasse
Tudo o que vê
De mim e de você
Muito teria que contar
Contaria que nos viu brigando
E viu você chorando
Me pedindo pra voltar.
Somente a lua foi testemunha
Daquele beijo sensacional
Nesse momento foi tal enlevo
Que a própria lua, sentiu-se mal
Só as estrelas que cintilavam
Hoje dão conta do que se viu
Contam que a lua foi desmaiando
Caiu nas ondas, boiou... sumiu...*

Só a primeira parte é de Custódio e as duas outras de Paulo Roberto que nunca quis entrar como co-autor argumentando que o mais inspirado da música era o estribilho. Esta revelação só veio a ser feita 35 anos depois! Fez entretanto questão de frisar que Custódio se empenhou de todo jeito para que assinasse também a obra.

“Se você Jurar” de Ismael Silva, Nilton Bastos e Francisco Alves em qualquer lista dos dez maiores sambas de todos os tempos está lá, sempre bem votada:

*Se você jurar
Que me tem amor
Eu posso me regenerar
Mas se é, para fingir mulher
A orgia
Assim não vou deixar.*

Bem, Francisco Alves entrou por injunções comerciais, já que a dupla era contratada exclusivamente dele. Nilton e Ismael eram muito amigos e como o primeiro morreu moço, o samba ficou mais associado ao nome de Ismael. Um daqueles casos de ofuscamento. Foi gravado em dupla por Mário Reis e Francisco Alves em 1931. Mário não deixou dúvidas de que foi uma cessão amigável quando declara: “Conheci o Nilton muito bem. Sou capaz de dizer quais são as músicas dele ou de Ismael Silva. “Se você jurar”, por exemplo, é mais do Nilton”. Ary Vasconcelos reforça: “Se você jurar, é exclusivamente de Nilton”. Isso é apenas um registro histórico, que não diminui Ismael em nada.

É certo que retribuiu a Nilton. J. Piedade, que a nova geração desconhece foi unânimamente considerado um excelente sambista. Desorganizado, vivia sempre na pior e tornou-se o mais conhecido vendedor de músicas. Algumas, que não passou adiante, chegaram a fazer sucesso como “Chora Doutor”, “Navio Negreiro” “É covardia” “Tudo Acabado”. Pelo menos em duas outras composições suas que repercutiram, ele teve sócios, ou seja, cedeu parceria. “Alo Boy” êxito no carnaval de 1937 com Kid Pepe e a “A Mulher do Padeiro”, com Germano Augusto e Nicola Bruni, que sobressaiu em 1942 gravado por Joel e Gaúcho:

*A mulher do padeiro
Trabalhava noite e dia
Ô, ô, ô, ô, ê, ê, ê, ê.
E viajava só no bonde Alegria
Cantava e pulava
E o pagodeiro não sabia
E o padeiro zangado
Deixou de fazer pão
Não atendeu mais a freguesia
De tanto pinote
Fez tanto fricote
Pra ser fiscal lá no bonde da Alegria.*

Como Kid Pepe e Germano Augusto eram notórios valentões, J. Piedade deve ter cedido a parceria na marra. Aracy de Almeida conta que Pepe a obrigou, certa vez, com uma faca na barriga a gravar sua batucada “O que tem Iaiá”.

Piedade morreu tuberculoso, na penúria, e seu último samba é contundente:

*Azeitona na minha empada ninguém bota
Porque ninguém é companheiro na derrota.*

QUERO CHORAR, TENHO LÁGRIMAS

Se misturarmos num caldeirão os filmes mexicanos da década de 50, “Suplício de uma Saudade”, “Love Story”, as novelas cubanas, o Grand-Guignol, os livros “Coração”, “A cabana do Pai Tomás” e “Dama da Camélias”, a estranha beberagem séria, garanto, menos lacrimogênica que as letras de canções brasileira que vamos carpir aqui. Começemos pelos clássicos. O mais famoso sem dúvida é o “Coração Materno”. De Vicente Celestino, regravado por Caetano Veloso. A história é horripilante: a amada do campônio numa brincadeira sádica pede-lhe o coração da mãe como prova de amor e o debilóide cumpre ao pé da letra:

*E ela disse ao campônio a brincar
Se é verdade tua louca paixão
Parte já e pra mim vá buscar
De tua mãe inteiro o coração
E a correr o campônio partiu
Como um raio na estrada sumiu
E sua amada qual louca ficou
A chorar na estrada tombou
Chega à choupana o campônio
Encontra a mãezinha ajoelhada a rezar
Rasga-lhe o peito o demônio
Tombando a velha aos pés do altar
Tira do peito sangrando
Da velha mãezinha o pobre coração
E volta, a correr, proclamando
Vitória! Vitória tem minha paixão.*

Os últimos versos são de arrepiar e capazes de estarrecer qualquer cirurgião cardiovascular:

*Mas em meio da estrada caiu
E na queda uma perna partiu
E à distância saltou-lhe da mão
Sobre a terra o pobre coração
Nesse instante uma voz ecoou:
Magoou-se pobre filho meu
Vem buscar-me filhinho, aqui estou
Vem buscar-me que ainda sou teu.*

Muitos leitores poderão estranhar a ausência de “O Ébrio”, do mesmo Vicente. Eu explico: é que o drama do infortunado beberrão pareceria um conto de fadas diante do rol de dramalhões que farei desfilar aqui. Pelo mesmo motivo os saudosistas não encontrarão “Brinquedo do Destino”, “A Pequenina Cruz do teu Rosário”, “Lamentos” e outras. Mas o na vida real pacato e abstêmio Vicente não se sentirá desprestigiado com a omissão. Mostro seu tango “Matei”, um primor de vicissitudes. Conta o drama de um bom samaritano que recolheu “uma mulher doente, faminta e quase morta”, cuidou dela e acabaram por se amar. Um dia a ingrata se arrancou com o outro e ele ficou desesperado: “dormia nas sargetas, tal qual um cão sem dono.” O epílogo não é mole:

*Farto de sofrer fui procurar um amigo
Como último recurso fui lhe pedir abrigo
Negou-me e disse-me ainda: jamais o conheci
Virou-me então as costas quando uma voz eu ouvi
Reconheci ser dela, na casa entrei à força
Matei o falso amigo e a mulher que amei
Estou arrependido, não terei mais conforto
E desde aquele instante eu sinto que estou morto.*

“Romance da Ceguinha” de René Bittencourt narra o reencontro de um sujeito com a mulher com quem tivera um romance. Quando a abandonou ela ficou cega! Tempos depois, oh irônico destino, tornaram a ficar frente a frente e o mais inverossímil é que ele não a reconheceu. Só depois que a infeliz desfiou sua desdita ligou os fatos. (Seria deficiente visual também?):

*Fitando bem aquele meigo rosto
Reconheci aquela a quem amei
Aquele a quem causei tanto desgosto
E que a sofrer no mundo abandonei
Caí-lhe nos pés, pedindo-lhe perdão
E ela a sorrir me perdoou.*

Pelo menos houve o *happy-end*. Outra azarada surge na composição de Uriel Lourival, Pasmem, ficou caolha por ciúmes de Jesus!

*Jesus quando te viu
Não sei o que sentiu
Não viu uma só luz
Como a luz dos olhos teus.
Indignado, então*

*Na natureza entrou
Repreendeu o sol, estrelas apagou
E ardente de paixão
Vingou-se como um Deus
Roubando a luz de um dos olhos teus!*

“Coração de Luto”, do gaúcho Teixeira causa comoção e gozação. Os conterrâneos do autor cantaram-no com lágrimas nos olhos enquanto nos outros Estados era batizados de “Churrasquinho de Mãe”. Dizem ter sido baseado em fato real:

*O maior golpe do mundo
Que eu tive na minha vida
Foi quando com nove anos
Perdi minha mãe querida
Morreu queimada no fogo
Morte triste e dolorida
Que fez a minha mãezinha
Dar adeus de despedida*

Seria a mãe parálitica para se deixar queimar doloridamente? Denso mistério. Falando em paralisia mostro esta pérola que é “Aleijadinha”. De Francisco Lacerda e Bob Jr.:

*Quando ainda era criança
Já notava em sua infância
Sofrer um grande amargor
Aleijada a coitadinha
Arrastando uma perninha
Padecendo grande dor.*

Apareceu um namorado que custou a descobrir que a amada era manca, pois ela namorava na janela. Levou-a então a um médico mas deu zebra:

*Mas o esforço foi em vão
Que na sua operação
A coitadinha morreu*

“Milagre do Retrato”, de Calandro e Sulino elege mais um deficiente físico. Um garoto perde o avô querido e perde também os movimentos (seria histérico o pobrezinho?), mas ainda teve mais sorte que a aleijadinha operada:

*Mas quando ele fez dois
Meu velho pai faleceu
O menino sentiu tanto
Que também adoeceu
Com a tal paralisia
Certo dia amanheceu
Não podia mais andar
Suas pernas enfraqueceu*

Como o menino chamava pelo avô o pai deu-lhe o retrato, com o qual batia papo:

*Volte de novo pra mim
Meu querido vovozinho
Depois que o senhor foi embora
Eu fiquei aleijadinho.*

E para encerrar, sabem o que aconteceu? Miracolo! O garoto saiu andando e o retrato chorou!

*Pelo quarto ele andou
Daquela fotografia
Duas lágrimas brotou.*

Como até agora só deu estropiado vamos a mais uma: “Calvário” letra de Márcio Rossi que trata de um tuberculoso que tem como último desejo beijar a mãe mas receia transmitir-lhe a doença:

*Sobre uma cama carcomida, parecia
Com a tristeza das mais tristes prisões,
Ele rolava o dia inteiro, prisioneiro,
Do mal terrível, que roía os seus pulmões
Tão moço ainda e não vivia e nem morria
Num meio termo de cortar o coração
E quando a tosse o visitava, desfolhava
Rosas de sangue, ainda quente, pelo chão.
Era o seu íntimo desejo dar um beijo
Numa velhinha que lhe dera o próprio ser
Mas tinha medo de beijá-la e condená-la
A sofrer tanto quanto ele, até morrer.*

Hão de convir que “meio termo de cortar o coração” é um achado. Amado Batista em “Amor Batista em “Amor Perfeito” vai assistir o parto da esposa e só podia dar desgraça:

*No hospital, na sala de cirurgia
Pela vidraça eu via
Você sofrendo a sorrir
E seu sorriso aos poucos se desfazendo
Eu vi você morrendo
Sem poder me despedir.*

“Flor do Mal”, primeira gravação de Vicente Celestino é um festival de xingação. Inicialmente o autor pede até com bons modos para ser esquecido, mas de repente se esquenta e baixa o nível:

*Ah, hipócrita, fingido coração
De granito ou gelo, maldição
Oh espírito satânico, perverso
Titânico chacal do mal
Num lodaçal imerso.*

O alvo dessas ofensas todas não é fruto da imaginação. Trata-se da atriz Arminda Santos, e o letrista, o poeta Domingos Correia se apaixonou por ela, não foi correspondido e no seu desvario pôs fim à vida. Mas antes desabafou... Teve seguidores em seus impropérios zoológicos. Silveira e Silveirinha não ficam atrás com “A víbora.”:

*Tu és a cobra venenosa e maldosa
Tu és a víbora do pecado mortal
Tu és a sanha da tentação e maldade
Tu és pecado original
Tu és cobra silenciosa e preguiçosa
És serpente de uma maldição de dor
Fui esmagado no seu bote de artimanhas
Dizendo a mim que me amava de verdade
Eu dei-lhe tudo, meu amor e meu dinheiro
Deixei-lhe tudo, meu amor e meu dinheiro
Deixei meus filhos perdendo a dignidade.*

“Perdão Emília”, um clássico da modinha conta a visita de um ex amante ao túmulo da companheira que se suicidara:

*Perdão Emília se roubei-te a vida
Se te fui impuro, infiel ousado
Perdoa o vil que te atirou ao pó
Perdão Emília, para um desgraçado!*

O reconhecimento do mau-caratismo não adiantou muito, o fantasma de Emília saiu do túmulo e desancou-lhe:

*Monstro tirano pra que vens agora
Lembrar-me as mágoas que por ti passei?
Fui nesta vida sem te amar, ditosa
E desgraçada desde que te amei.*

Parece que sua metralhadora verbal é poderosa, pelo que dizem os últimos versos:

*E um baque surdo se ouviu na terra
Acompanhado de uma agudo ai
Enamorado do descanso eterno
Mais uma vítima encerrar-se vai
E quando alegre foi surgindo o dia
E a natureza se mostrava bela
Frio cadáver ali estava
Caído junto ao sepulcro dela.*

Será possível ser “enamorado do descanso eterno?”. Tem gosto pra tudo. Em “O Castigo da Cruz”, de José Fortuna e Maioporã, aparece outro fantasma. Um boiadeiro herege tinha a mania de arrancar cruzeiras da estrada e também não podia ver uma vela acesa. Certa noite o profano se estrepou quando quis derrubar uma cruz:

*Quando tentou arrancar, no braço da cruz pegou
Aquela cruz de madeira num homem se transformou*

Agora vem o melhor: o vulto deu-lhe um carão paternal:

*O vulto falou: meu filho não pratiques isso mais
Você tentou arrancar a cruz de seu próprio pai*

O boiadeiro, é lógico caiu duro e quando voltou a si virou o maior carola:

*Para a alma do seu pai ele fez uma oração
E se encontra uma cruz rezando perde perdão*

O trânsito louco não podia ser um tema excluído. Começemos pela “Carreta Maldita” cujo título mais apropriado seria “Carreta Desalmado”, de Nelson Blanc em Maury Câmara:

*Não reparem se estou chorando
Eu não esqueço o que aconteceu
Naquela casa à beira da estrada
Foi onde o meu amor morreu
Na frente ela fez um jardim
Lindas flores vivia plantando
Na descida a carreta veio
E estava sem freio e a ela atropelou
Carreta maldita
Que triste cena
Matou o meu amor
Dele não teve pena*

Só faltava ir tomar satisfação com a carreta. Outra desgraça motorizada é “Boletim Escolar”, de Vicente Dias e Rubens Avelino: o menino chegava da escola trazendo o boletim, vê o pai do outro lado da rua, atravessando afoito e...

*Mas o destino cruel
Neste momento fatal
Meu filho na correria
Não viu fechado o sinal
E a breca do carro
Me fez perder os sentidos
Vendo tombar sob as rodas
Meu inocente querido*

Não sei como conseguem ser tão trágicos. Continuemos com o morticínio. “Triste Ocorrência” de Jack e Abel. O rapaz saiu do interior para ser polícia na cidade grande mas nunca mais deu notícia à família. Passaram-se os anos, o pai enviuvou e resolveu procurar o filho sumido. Eis o que aconteceu:

*E na cidade em que o filho morava
Morreu o velho em um atropelamento
O policial que foi investigar o caso*

*Ficou surpreso quando viu os documentos
Nas remoção daquele corpo já sem vida,
Banhando em prantos confessou (?) ao delegado
“Estou fazendo a mais triste ocorrência,
Pois este homem é o paizinho adorado.”*

Ora faça-me o favor, o cara desaparece no mundo, não reconhece o próprio pai estatelado no chão e ainda “se banha em prantos?” Atropelamento insólito se dá em “História de um boiadeiro”. O rapazola deixa a casa paterna e volta anos depois comandando uma boiada. De repente dá-se um estouro e os animais pisoteiam uma pessoa que caminhava. Já adivinharam quem era?

*Quando a boiada passou
Dei um grito de aflição
Ao ver que era minha mãe
O andante do estradão
Já na última agonia
Mas me deu sua benção
Vi morrer nos meus braços
Minha mãe do coração.*

Outra fatalidade se desencadeia em “Lágrimas de Pai”. Um pobre lixeiro do interior mandou durante 26 anos dinheiro para o filho estudar na capital e ser advogado (ou o cara é meio tapado ou explorou o pai). No dia da formatura compareceu todo empolgado e veja o que aconteceu:

*O doutor vendo seu pai
Fez que não o reconheceu
Essas palavras do filho
Pro velho muito doeu:
-Vá embora, vá embora
Se o povo o vê assim,
Cabeludo, mal vestido...*

O velho saiu em prantos e virou mendigo:

*Mendigando viu findar os dias seus
E, um dia, um desastre na cidade,
O velho acabou de padecer
Apanhando pelo trem, pobre velhinho*

Sobre os trilhos acabava de morrer!

Mas não acabou, o velho panaca antes de findar ainda falou: “num sorriso, encobrimo a própria dor”.

*- Deixo a vida satisfeito por que pude
Assistir a meu filho ser doutor!*

O Vicente foi outro que saiu de sua cidadezinha para aventurar-se na capital, só que virou bandido mas com resquícios de amor filial, pois mandava dinheiro para o pai. Um dia chega às mãos do velho que era analfabeto, um jornal com a foto do filho na primeira página. Levou para um amigo ler e só então ficou sabendo que peça criara:

*O velhinho envergonhado sumiu povoação
No outro dia cedinho, na beira do ribeirão
Encontraram o velho morto, com aquele
jornal na mão
A vergonha estraçalhou seu honesto coração
Quem matou o pobre velho foi a palavra LADRÃO!*

A guerra exerce um fascínio muito grande nos compositores. Dois bons valores da música caipira, Tônico e Capitão Balduino cantam “Vingança de Soldado”. Este sobreviveu à luta mas no seu retorno à Pátria levou chumbo de outra forma.

*Tava o doutor delegado
Na sua mesa sentado
Quando um homem ali chegou
O moço vinha fardado
Mostrando que era soldado
A sua história contou.*

O herói contava com alguém esperando-o na volta, só que parece não ter se lembrado de avisar:

*Na guerra tive vitória
Ganhei medaia de glória
Tive prêmio de Nação
Daquela que em frente o artá
Jurou o meu nome honrá
Ganhei vergonha e traição
Me prenda seu delgado*

*Pode chamá seus soldado
Lhe entrego o rife doutô
Este sabre que na guerra
Lutou pela vossa terra
Hoje matô dois traidô.*

Outra composição agora de Praense e Sebastião Araújo dá continuidade ao tema com a mesma falta de originalidade. O pracinha pensa que a noiva o espera mas ela casa com outro. Quando volta sai à procura dela e vai indagar ao próprio marido se a conhece, mostrando-lhe o retrato O homem fica epumando:

*O homem vendo o retrato, louco, enciumado ficou
Arrancou um punhal e no Pedrinho cravou,
Porém foi preso na hora que fez tal desatino
Mandaram chamar Maria, a esposa do assassino
Maria, ao ver o cadáver, triste golpe recebeu
Caiu pedindo perdão a quem por ela morreu!
Abraçando o corpo inerte de quem tanto lhe quis bem
Beijando os lábios gelados deixou a vida também!*

Pensaram que acabou a saga militar? Eu vos apresento “Sêlo de Sangue”, drama epistolar do combatente sádico que na carta à amada mandou que ela tirasse o selo e guardasse como lembrança:

*Tirou o selo e por baixo
Com sangue viu assinado:
“Estou sem as duas pernas
Num hospital internado”.
Lurdinha por seu bem amado
Pra que Deus mandasse ele,
Mesmo que fosse aleijado.*

Fiquei impressionado com o tamanho do sêlo. O Pessoal parece fissurado pela guerra. São composições relativamente recentes, quando o conflito já acabou há 47 anos! “Cruel Destino” de Carreirinho é sem dúvida shakespeariano. “Helena, uma linda moça, filha de um rico doutor,” é apaixonada por um moço pobre “mas muito trabalhador.” A família prometeu-a em casamento a um francês abonado e a jovem inconformou-se:

*Recolheu-se em seu quarto
Com o revólver carregado.*

O rapaz pobre tomou uma decisão:

*Ele foi ao cemitério
E na campa debruçou
É o derradeiro presente
Heleninha que te dou
Cravou o punhal no peito
Coração atravessou.*

Agora duas histórinhas de cadeia: “Encerrado” de Chrisóstomo e Dalvan mostram que desgraça pouca é bobagem. O filho encarcerado é visitado pela mãe e o que acontece?

*Mãezinha por que está em silêncio?
E aperta entre nós a grade gelada
Jesus levou mamãezinha
Morreu num sorriso, comigo abraçada.*

“A Presidiária” de Sebastião F. Silva e Arthur Moreira é um exemplo comovedor de mau-caratismo. O marido flagrou a esposa com o amigo e suicidou-se. Ela foi condenada e o amigo urso ficou caladinho:

*Foi julgada por assassinato
Mas foi suicídio
Ela era minha secretária
E eu era seu melhor amigo
Hoje ela é presidiária
E eu carrego remorso comigo.*

Em “A Menina da Viola” Zé Coqueiro dá asas à imaginação e fala sobre a Menina, virtuosa da viola que desperta a inveja do dono da fazenda cuja filha não tinha nenhum talento:

*A ira do milionário
Foi aumentando dia a dia
Curtindo a cruel idéia
De dar fim na pobre Maria
Foi seguindo o seu instinto
Maria mandou matar
A viola emudeceu
O povo se revoltou*

*Dando a ele a mesma sorte
De Maria se vingou.*

“Mulher da vida” tem o arrependido subtítulo de “não faça jamais como eu fiz.” O protagonista que só pode ser pirado, se apaixonou por uma mundana e chegando um dia ao bordel invadiu o quarto onde ela estava e:

*Me vi completamente louco
De arma na mão
Quebrando a porta do quarto
Atirei sem perdão.
O preço do amor
Eu peguei na prisão!*

Como não pretendo ser superado pela tevê em se tratando de relação incestuosa apresento-lhes a novela “Armadilha do Destino”, onde um tal Ronaldo enviuvou, deu a filha para outra família criar e caiu no mundo enchendo a cara durante vinte anos. Até que um dia:

*Mas pelo destino cruel, sem piedade
Em cidade dali muito ausente
Um casal de ébrios beijavam e sorriam
O pai e a filha, se amando inocentes*

Ronaldo perguntou à “Flor do Salão” (presumo que estavam num cabaré) sobre se passado chegamos ao clímax:

*Ronaldo enxergando a realidade
Gritou na ansiedade do último adeus
Perdoe-me filha, estou morrendo
E fiquei sabendo que seu pai sou eu!
E ela, sentindo remorso e dor,
Com o rosto em terror, vendo o pai que morria
Não pode escapar do punhal da tristeza
Naquela surpresa, morreu pai e filha!*

Viram que metáfora fantástica: “Punhal de tristeza.” E o colapso duplo? Vamos agora dar uma guinada. O Carnaval pressupõe alegria, catar-se, descontração, mas mesmo assim alguns espíritos de porco aparecem para colocar ranço na festa maior. “Coração de Bruto”, de Paris Delfino e Philadelpho lançado no carnaval de 62 dá uma alfinetada no Teixeira:

*Que história triste seu Teixeirinha contou
Sua mãezinha, coitada
Foi brincar com fogo
Amanheceu toda queimada.
Sai, seu bruto
Tens o coração de luto.*

“Panela de Pressão” de José Astholfi é um exemplo de humor negro dos melhores:

*Estourou ô, ô, ô
A panela de pressão
A Rita bela se queimou
Coitada ficou toda pintada
Com o caldo de feijão
Ela que era tão boa
Com seu corpo violão
Agora não sai de casa
Vive só na solidão.*

Isso é lá tema pra carnaval? “Menino Inteligente” outro muito pouco carnavalesco:

*Menino inteligente
Não joga papel na rua
Um carro o atropela
E a culpa é sua.*

“Mulher de Palhaço” põe por terra o frio conceito de que o “Show deve continuar”.
Carnaval de 1965.

*Foi uma discussão banal
Que a mulher do palhaço se matou
Num modo tão brutal
Enquanto sua função
Ele exercia no picadeiro
O povo lhe aplaudia
Mas de repente tudo mudou
E o palhaço chorou.*

Garanto que após serem triturados por este espetáculo de morbidez musical os leitores vão passar três meses no mínimo só querendo escutar cantigas de roda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta, Leonardo – Música y descolonización. Editorial Arte y Literatura. Havana. 1982
- Alencar, Edigar de – Nosso Sinhô do Samba. Ed. Civilização Brasileira. Rio. 1968.
- Alencar, Edigar de – A Moodinha Cearense. Imprensa Universitária do Ceará. 1967.
- Alencar, Edigar de – O Carnaval carioca através da música. Livraria Francisco Alves Ed. MEC – 3ª edição. Rio. 1979.
- Almirante – No Tempo de Noel Rosa, Francisco Alves. Rio. 1977.
- Alves, Henrique L. – Sua Excia. O Samba – Ed. Símbolo. 1976.
- Bahiana, Ana Maria – MPB nos anos 70. Ed. Civilização Brasileira. Rio. 1980.
- Barbalho, Gracio – O Popular em 78 rotações. Fundação José Augusto. Rio Grande do Norte. 1982.
- Barboza, Orestes – Samba – Livraria Educadora. Rio. 1933.
- Cabral, Sergio – As Escolas de Samba. Ed. Fontana Ltda. Rio.
- Cabral, Sergio – Pixinguinha, vida e obra. Lidador. Rio. 1980.
- Cabral Sergio – ABC – Codecri. Rio. 1969.
- Cachaça, Carlos – Fala Mangueira. José Olympio. Rio. 1980.
- Carvalho, Hermínio Bello de – Mudando de Conversa. Martins Fontes. S.P. 1986.
- Carvalho, Luiz Fernando Medeiros de – Ismael Silva, samba e resistência. José Olympio. Rio. 1980.
- Campos, Alice Duarte da Silva de – Um Certo Geraldo Pereira. Funarte. 1983
- Cirne, Moacyr – Bum, a explosão criativa dos quadrinhos. Editora Vozes. 1970.
- Costa, Haroldo – Salgueiro, Academia do Samba. Record. Rio. 1984.
- Damata, Gasparino – Antologia da Lapa. Leitura. Rio. 1965.
- Didier, Carlos – Noel Rosa, Uma Biografia.
- Efegê, J – Figuras e Coisas do Carnaval carioca. MEC – Funarte. 1982
- Efegê, J – Figuras e coisas da MPB – MEC – Funarte. 1978. 2 Vol. Echeverria, Regina – Furacão – Nórdica. Rio. 1985.
- Enciclopédia da Música Brasileira – Art Editora. SP. 1977.
- Gomes, Breno Ferreira – Custódio Mesquita. Funarte. Rio. 1986.
- Gomes, Breno Ferreira – Wilson Batista e sua época – Funarte. 1985.
- Gomes, Dulcinéia Nunes – Um certo Geraldo Pereira. Funarte. 1983.
- Goulart, Mário – Lupiscínio Rodrigues. Ed. Tchê. RGS. 1984.
- Guimarães, Francisco – Na roda do Samba – MEC – Funarte. 1978.

- Holanda, Nestor de – Memórias do Café Nice. Conquista. Rio. 1969.
- Homem de Mello, José Eduardo – MPB cantada e contada. Editora Melhoramentos. S.P. 1976.
- Jr., Abel Cardoso – Carmem Miranda. Ed. Autor. 1978.
- Jambeiro, Othon – Canção de Massa. Liv. Pioneira Ed. SP. 1975.
- Krausche, Valter – MPB – Editora Brasiliense. SP. 1983.
- Luciana, Dalila – Ary Barroso, um Turbilhão. Freitas Bastos. Rio. 1970. 3 volumes.
- Lago, Mário – Meia porção de sarapatel – Ed. Rebento. Rio. 1986.
- Matos, Cláudio – Acertei no Milhar. Paz e Terra. 1982.
- Matos, Nelson – Um certo Geraldo Pereira. Funarte. 1983.
- Mello, Paulo Pimenta de – Modinhas e Serestas, Valsas & canções. Edição do Autor. SP. 1985.
- Museu, As vozes desassombradas do. MIS. Rio. 1966.
- Nasser, David – Viola. O Cruzeiro. Rio. 1966.
- Nasser, David – O parceiro da Glória. José Olympio. Rio. 1983.
- Nascimento, Alfredo Ricardo do – Memórias do Zé do Norte. Continente Editorial Ltda. Rio. 1985.
- Oliveira Filho, Arthur L. – Fala Mangueira. José Olympio. 1980.
- Oliveira Filho, Arthur L. – Silas de Oliveira. Funarte. 1981
- Oliveira Filho, Arthur L. – Cartola, Os tempos idos. Funarte. 1983.
- Pacheco, Jacy – O Cantor da Vila – Minerva. Rio. 1958.
- Rangel, Lucio – Sambistas e Chorões. Francisco Alves. Rio. 1962.
- Ribeiro, Wagner – Folclore Musical. Editora Coleção F.T.D. Ltda. São Paulo. 1965
- Rodrigues, Sonia Maria Braucks Calazans – Jararaca. Funarte. 1983.
- Ruiz, Roberto – Linda Flor – Funarte. 1984.
- Soares, Suetônio – Tra-lá-lá. Funarte. 1981.
- Severjano, Jairo – Yes, nós temos Braguinha. Funarte/Martins Fontes.
- Silva, Diamantino da – Quadrinhos para quadrados. Editora Bels. Rio Grande do Sul. 1976.
- Silva, Marília T. Barbosa da – Paulo da Portela. Funarte. 1980.

Silva, Marília T. Barbosa da – Fala Mangueira. José Olympio.
Silva, Marília T. Barbosa da – Cartola, tempos idos. Funarte.
Silva, Marília T. Barbosa da – Silas de Oliveira. Funarte.
Silva, Francisco Duarte – Um certo Geraldo Pereira. Funarte.
Souza, Tarik – Rostos e Gostos da Música Poopular Brasileira. LPM. Porto Alegre. 1979.

Tinhorão, José Ramos – Agora o samba vai. JCM. RIO. 1969.
Tinhorão, José Ramos – Pequena História da Música Popular. Editora Vozes. 1974.

Vasconcellos, Ary – Panorama da Música Popular Brasileira. Martins Editora. Rio. 1964.
Vasconcellos, Ary – Panorama de Música Popular Brasileira na Belle Èpoque. Livraria Santana. Rio. 1977.
Vasconcellos, Ary – A Nova Música da República Velha.
Vasconcellos, Gilberto – Música Popular, de olho na fresta. Graal. Rio. 1977.

Endereço para correspondência:
Renato Vivacqua
SQN 312 – Bloco E – Apto. 602
70765 – Brasília – DF

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.